

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ESTER DIAS BEZERRA

UM OLHAR AO ECOFEMINISMO A PARTIR DO PENSAMENTO DE VANDANA
SHIVA

MATINHOS

2020

ESTER DIAS BEZERRA

UM OLHAR AO ECOFEMINISMO A PARTIR DO PENSAMENTO DE VANDANA
SHIVA

Dissertação/Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino das Ciências Ambientais.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Harder

MATINHOS

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

B574 Bezerra, Ester Dias
Um olhar ao ecofeminismo a partir do pensamento de
Vandana Shiva /
Ester Dias Bezerra ; orientador Eduardo Harder. – 2020.
67 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná
- Setor Litoral,
Matinhos/PR, 2020.

1. Ecofeminismo. 2. Feminismo. 3. Educação ambiental. I.
Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Rede
Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais. II. Título.



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS
AMBIENTAIS - 33002045070P4

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ESTER DIAS BEZERRA** intitulada: **UM OLHAR AO ECOFEMINISMO A PARTIR DO PENSAMENTO DE VANDANA SHIVA**, sob orientação do Prof. Dr. EDUARDO HARDER, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 02 Abril de 2020.

Assinatura Eletrônica

03/04/2020 11:38:45.0

EDUARDO HARDER

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

02/04/2020 16:51:02.0

LOURIVAL DE MORAES FIDELIS

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

02/04/2020 18:59:44.0

SUZANA MARQUES RODRIGUES ALVARES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS)

Rua Jaguariaíva, 512 - MATINHOS -
Paraná - Brasil

CEP 83260-000 - Tel: (41) 3511-8300 - E-mail:
PROFCIAMB@UFPR.BR

Acesse <https://www.prppg.ufpr.br/signa/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 39154 para validar Assinaturas do Documento

Dedico este trabalho ao meu pai, meu maior incentivador, meu herói, meu exemplo de vida e de amor. Te amo muito pai! Esse sentimento transcende a barreira do mundo real.

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho contou com a colaboração de várias pessoas no meu círculo de vida, dentre as quais agradeço com carinho:

Meus pais, seu apoio foi fundamental para que eu sempre alcançasse tudo aquilo que desejei.

Ao meu marido e parceiro de vida, Rodrigo e ao meu filho Pedro Miguel, o amor que recebo de vocês me dá força para chegar aonde eu quiser.

Aos meus Mestres e professores, que durante toda a jornada do curso estiveram dispostos à dar auxílio para a conclusão deste projeto.

Às minhas colegas e amigas que estavam sempre abertas à me ouvir quando precisei de colo.

À Universidade Federal do Paraná, Instituição Pública, com ensino de fino garbo, que busca atender toda população sem distinção de classe, lecionando sempre o melhor do saber.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Agência Nacional de Águas (ANA).

“Meus passos são lentos, mas não caminho para trás”.

(Abraham Lincoln)

“Desistir...eu já pensei seriamente nisso, mas não me levei realmente à sério; É que tem mais chão nos meus olhos do que cansaço nas minhas pernas, mais esperança nos meus passos do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração do que medo da minha cabeça”.

(Cora Coralina)

RESUMO

Repensar os cânones do ecofeminismo a partir dos preceitos de Vandana Shiva e contribuir para novas interfaces entre ética ambiental e o cuidado e a responsabilidade com os ambientes naturais e culturais são metas constantemente reafirmadas pelas proposições socioambientais contemporâneas. O presente projeto de pesquisa tem o objetivo de contribuir no estabelecimento de pontes e mediações entre as concepções da filósofa, física e ativista hindu Vandana Shiva. O fio condutor do trabalho reside nos preceitos difundidos pelas redes de movimento social identificadas no ecofeminismo, campo de reflexão e atuação da autora. A pesquisa se dedicou a uma pequena parcela de seu pensamento, abarcando apenas as linhas principais de suas obras. Sob o ponto de vista metodológico, a investigação está orientada pelos princípios e metodologias circunscritas na proposição das narrativas biográficas, campo epistemológico inovador a adensar as perspectivas da educação ambiental. A justificativa dos esforços em contribuir na divulgação do pensamento de Vandana Shiva reside em seu potencial de (re)invenção do espaço escolar, em especial nos debates sobre o currículo pedagógico, em constante atualização e transformação no diálogo com os temas centrais de nossa sociedade.

Palavras-chave: Meio ambiente; Educação ambiental;

ABSTRACT

Rethinking the canons of ecofeminism based on the precepts of Vandana Shiva and contributing to new interfaces between environmental ethics and care and responsibility for natural and cultural environments are goals constantly reaffirmed by contemporary socioenvironmental propositions. This research project aims to contribute to the establishment of bridges and mediations between the conceptions of the Hindu philosopher, physicist and activist Vandana Shiva. The guiding thread of the work resides in the precepts spread by the social movement networks identified in ecofeminism, the field of reflection and the author's performance. The research was devoted to a small part of his thinking, covering only the main lines of his works. From the methodological point of view, the investigation is guided by the circumscribed principles and methodologies in the proposition of biographical narratives, an innovative epistemological field to densify the perspectives of environmental education. The justification for efforts to contribute to the dissemination of Vandana Shiva's thought lies in its potential for (re) invention of the school space, especially in debates on the pedagogical curriculum, which are constantly updated and transformed in the dialogue with the central themes of our society.

Palavras-chave: Environment; environmental education;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vandana Shiva.....	46
-------------------------------	----

SUMÁRIO

MEMORIAL	27
1 INTRODUÇÃO.....	31
Objetivo Geral	35
Objetivos específicos	35
2.1 CONCEPÇÃO DO MÉTODO.....	35
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	38
3.1 GRANDES MULHERES QUE MARCARAM O INÍCIO DO FEMINISMO NO BRASIL E NO MUNDO.....	38
3.1.1 Motivações do feminismo	40
3.1.2 Feminismo: a luta pela ampliação dos direitos das mulheres	41
3.1.3 Derivações do feminismo	49
3.2 ECOFEMINISMO: A FORÇA DA MULHER NA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA	52
REFERÊNCIAS	53
4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	57
4.1 VANDANA SHIVA: NARRATIVA BIOBIBLIOGRÁFICA	57
4.2 A QUESTÃO AMBIENTAL E SUA IMPORTANTE DISCUSSÃO NA EDUCAÇÃO, A PARTIR DO VIÉS DE VANDANA SHIVA	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
ANEXO 1 – PRODUTO DA PESQUISA	73

MEMORIAL

As questões ambientais sempre estiveram presentes em minha vida, a começar pelo lugar em que passei a infância: uma pequena cidade litorânea do Brasil meridional localizada em meio à mata Atlântica. Uma trajetória que perpassa meus avós, parentes maternos e minha mãe, todos nascidos e criados na zona rural de Antonina, estado do Paraná. E eu, como toda criança que nasce lado a lado à natureza e que ama se banhar no rio do sítio, comer galinha caipira, colher goiaba do pé, pescar lambari no riozinho dos fundos da casa e fazer várias outras atividades que só quem cresce num paraíso como esse, conhece bem. E agradece aos céus por tamanha oportunidade de entender o que é felicidade. – “Ah, Lugarzinho abençoado por Deus, tamanha beleza natural!” Saudades do pão feito em casa e do aipim macio e quentinho do final da tarde.

Minha mãe, senhora do lar, deixou o sítio ainda adolescente para ir rumo à cidade grande. Ela sonhava - como todo jovem da época - que somente a vida nas grandes metrópoles seria aquela que lhe daria um futuro melhor. No entanto, resumindo seus passos, trabalhou em Curitiba, capital do estado, por alguns anos como doméstica, sem qualquer garantia trabalhista, comendo somente após as refeições dos patrões e quando houvesse sobras. Logo ela se viu perdida, e para “se encontrar” voltou às origens, ou seja, para o sítio.

Durante uma ida ao centro de Antonina conheceu meu pai. Ele, na época, marinheiro embarcado da Marinha, com sua história também humilde. Negro, pobre, nascido em Aracajú, somente veio a conhecer a energia elétrica com quatorze anos; se agarrou ao único trabalho que aparecera neste momento de sua vida: a Marinha do Brasil, pela qual hoje é aposentado.

Sou imensamente e imensuravelmente grata aos meus pais que com todas as dificuldades de uma vida, possibilitaram a mim e ao meu irmão as condições adequadas e a oportunidade de estudar. E quando digo estudar não venho dizer em colégios particulares, mas sim na rede pública de educação, pois eles entendiam a importância dos estudos para a construção da cidadania e formação de um ser humano. Assim, iniciei no ensino fundamental até chegar ao ensino superior. E depois trabalhei em vários espaços diferentes, tais como: consultório dentário, peixaria etc. Fiz muitos “bicos” escrevendo trabalhos escolares, trabalhei em empresas privadas, mas nada que preenchesse um espaço para mim como pessoa. No final de 2015

resolvi mudar meus rumos, encarei as oportunidades que apareceram para lecionar e cá estou.

Atualmente sou docente de nível médio e técnico e, assim como muitos estudantes, não havia sonhado ou projetado essa profissão na época da faculdade. No entanto, após alguns anos trabalhando no meio empresarial, percebi que era hora de mudar, buscar novos e arriscados desafios e mudei radicalmente de profissão, de ares e de vida. Formei-me em Administração por uma questão de oportunidade, não necessariamente que esse fosse meu sonho.

Primeiro cheguei à condição de estatutária, com o exercício do cargo de Educadora Social na Prefeitura Municipal de Matinhos, cidade também localizada na região litorânea do estado. Nesse segmento pude realmente conhecer as faces da pobreza, do descaso do poder público com a população carente e da desigualdade social. Foi nesse momento que tive a oportunidade de poder contribuir com minhas armas para combater o mal que uma sociedade omissa causa às crianças e famílias desprovidas do mais básico que precisam para viver e sobreviver. No Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), colaborei para que crianças pudessem esquecer, por um momento, a tristeza que rondava seus lares e conheci as famílias desses pequenos, com os quais exercitamos a busca de uma educação emancipadora, no que estava ao meu alcance.

Também trabalhei junto ao campo da Assistência Social, vivenciando muitas experiências no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e no Centro Especializado da Assistência Social (CREAS). Nessa época, conheci histórias e crianças por demais fragilizadas, que jamais pensei encontrar. Nesses encontros, compartilhamos o riso, o respeito, honrar o meio ambiente e amar ao próximo.

Finalizando esse período como Educadora Social, iniciei minha docência no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), de Paranaguá, onde leciono em cursos diversos, com disciplinas variadas. Trabalho no processo de instrução de campos de conhecimento como a Responsabilidade Ambiental e Social, Gestão de Recursos Humanos, Logística, entre outras disciplinas que se encaixam no meu perfil profissional. Ao mesmo tempo, nas horas que restam leciono no sistema Processo Seletivo Simplificado (PSS), ofertado pelo governo estadual, com vagas remanescentes para professores, do nível médio ao técnico.

Durante as aulas, e sempre que há oportunidade, aproveito para falar aos alunos da importância e responsabilidade que devemos ter com o meio ambiente e a

natureza, pois ambos são a nossa vida. Demonstro, por exemplo, os processos de segregação e a separação correta do lixo. Faço o máximo possível para despertar a consciência ambiental em cada indivíduo e, muitas vezes, para atingir esses objetivos utilizo inclusive recursos, como vídeos que me impactam e chocam, para que o efeito seja ainda maior, para que todos compreendam a relevância que devemos ter no futuro de toda uma humanidade.

Em minha formação como pessoa lembro bem do ensino fundamental, onde aprendíamos a plantar árvores, cultuávamos o “dia da árvore” e, impossível esquecer, o dia em que plantei um "Pau Brasil" (*Paubrasilia echinata*) no colégio, árvore leguminosa nativa da Mata Atlântica e tão explorada pelo processo econômico colonial no passado. O tempo foi passando e do ensino médio não tenho grandes recordações do tema de preservação; assim foi até a graduação e pós-graduação. Relembrando tais fatos, posso ver claramente como esses valores se perderam em minha vida escolar, principalmente na fase adulta. Creio que se houvesse uma continuidade temática, o mundo estaria muito mais "verde" ao meu redor.

Atualmente leciono em uma escola pública e no ensino não formal e, reitero, considero em minhas práticas docentes que não há como querer formar cidadãos melhores, para o mundo, sem educar para a preservação do meio ambiente. Minha alma é, e sempre será, do lugar onde nasci e fui criada, pertinho da natureza. Muitas crianças de hoje em dia talvez jamais tenham a oportunidade de sentir o cheiro de terra molhada, plantar e colher, pegar uma minhoca nas mãos. Esses sim são os verdadeiros luxos! Raridades contemporâneas, coisas simples que luto e lutarei para poder ver meu filho e as próximas gerações podendo desfrutar do mesmo.

Em síntese, a partir desta ética ambiental que pauta minha consciência e o agir pedagógico, considero que devemos começar por ações simples, tais como interiorizar que um gari ou o carrinheiro que recolhem nossos resíduos, não são o que se denomina vulgarmente como "o lixeiro", porque na realidade "os lixeiros" somos nós que produzimos lixo. Esses profissionais apenas realizem a coleta, a triagem e a reciclagem de resíduos inerentes à nossa vida de consumidores.

E nesse sentido, temos que buscar meios para diminuir esses montantes diários de metais, plásticos, papéis, vidros etc., cuja origem está em nós próprios e, sistemicamente, nos processos econômicos e industriais. Podemos voltar a fazer compostagem em casa, horta orgânica etc., e isso só será possível quando

despertarmos coletivamente para uma nova consciência e estivermos sensíveis a uma educação em constante diálogo com uma ética socioambiental.

Por fim expresso aqui que minha motivação para cursar o Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais na UFPR: posso afirmar que está na minha história de vida, nas minhas raízes, em minha vontade de ajudar meus familiares agricultores a produzir o alimento sem agrotóxico, saudável e autossustentável. Pesa muito também o fato de que este é um curso em uma universidade muito conceituada nacionalmente e mais ainda pelo fato de ser pública, gratuita e que exerce sua função social no processo de formação e transformação do mundo para uma vida melhor, a que conta muito para mim atualmente e na esperança de um planeta ecologicamente mais equilibrado para o futuro das novas gerações que estão a nascer no tempo presente.

1 INTRODUÇÃO

Por vários anos as questões ambientais seguiram sendo tratadas de modo disciplinar e relacionadas inicialmente apenas às ciências naturais. A partir da década de 1960 fica evidente que a degradação do meio ambiente acontece à olhos vistos e é cada vez mais sentida pela população, atingindo a vida social como um todo. “A preocupação com os efeitos na saúde provocados pelas condições ambientais é evidente desde a Antiguidade, envolvendo problemas tais como os efeitos do clima no balanço dos humores do corpo, os miasmas, as sujeiras e os odores (Freitas, 2003).

Assim, podemos notar que nas últimas décadas essa temática transversal tem recebido significativo interesse pela sociedade e, sob o ponto de vista da construção do conhecimento, uma atenção inter e/ou transdisciplinar que conjuga diferentes campos epistemológicos do saber humano. Para Pelicioni (1998),

A educação ambiental tem como objetivo, portanto, formar a consciência dos cidadãos e transformar-se em filosofia de vida de modo à levar a adoção de comportamentos ambientalmente adequados, investindo nos recursos e processos ecológicos do meio ambiente. A educação ambiental, deve necessariamente transformar-se em ação. Enquanto prática político-pedagógica, a Educação Ambiental determinada histórica e socialmente, pretende possibilitar o desenvolvimento e a escolha de estratégias de ação, que venham contribuir para a construção do processo de cidadania e para a melhoria da qualidade de vida da população.

Com fundamento nesses pressupostos é possível apontar que ocorre em todo o mundo a criação de novos ordenamentos jurídicos, com normas, pactos e convenções internacionais, pesquisas, projetos e ações socioambientais, fruto de um senso crítico cada vez mais apurado

No plano institucional, os Estados constituem entes voltados à preservação e proteção do patrimônio ambiental, com atuação e competência administrativa prevista no plano constitucional e infraconstitucional. Em sentido complementar, no âmbito da sociedade civil organizada, atuam a partir de projetos e editais nacionais e/ou internacionais as organizações não governamentais (ONG's), fundações e associações comunitárias, etc., buscando desde a preservação da fauna e flora e efetivação dos direitos humanos de povos e coletividades tradicionais, segurança e soberania alimentar, reciclagem, entre outros objetivos.

Após a eclosão do debate socioambiental nos anos 1960, chegamos na década de 1970 com grandes iniciativas de grupos pacifistas e novos ambientalistas que então ganharam voz e espaço para enfatizar esses movimentos “verdes”, numa sociedade que até então conferia protagonismo a discussões em outras esferas públicas de deliberação e debate. Essa nova geração de direitos fundamentais foi denominada, em linhas gerais, como o direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado, com respeito a princípios e valores transgeracionais e responsabilidade por danos ambientais.

Sob o aspecto ético, não se aceita mais que o desenvolvimento exponha o patrimônio natural a formas de exploração que aumentem as diferenças socioeconômicas, esgotem os recursos naturais e poluam os espaços naturais e construídos, sem pensar nas gerações futuras, mas, ao contrário exige-se uma sociedade sustentável que atenda às necessidades sociais de toda a população inclusive a dos excluídos com igualdade e justiça (PELICIONI, p.28, 1998).

A partir de temas como estes começou-se a falar em ecofeminismo, que busca agregar a luta contra a tirania e a dominação da sociedade em desfavor das mulheres, além da exploração desenfreada da natureza. A relação do viés feminista e o movimento ecológico/ambiental firmou-se quando houve a compreensão da relação entre o menosprezo com a natureza e o feminino. O movimento e a filosofia feminista, neste cenário, contribuíram para mostrar que havia uma “hierarquia” implícita na vida social, e essa racionalidade era patriarcal, ou seja, voltada para o poder masculino, o “homem” no centro de tudo. O desmerecimento da mulher e a desvalorização da natureza caminham juntos neste contexto.

O alinhamento de duas pautas tão complementares e, ao mesmo tempo, com especificidades não adveio sem intensos debates nas esferas públicas democráticas. Mesmo na atualidade o termo Ecofeminismo gera dúvidas quando colocado em pauta. Ecofeministas almejam um planeta mais digno e equânime para todas as pessoas. Um mundo em que mulheres e homens sejam iguais perante a sociedade, com o devido reconhecimento, onde haja respeito mútuo e exista a valorização da natureza e a todas as formas de vida que habitam nela.

Para uma aproximação ontológica e no campo das ideias, as múltiplas e plurais correntes ecofeministas indicam diferentes caminhos programáticos, que divergem entre si e conferem uma organização rizomática a esse novo movimento social. Em uma singela síntese, é possível encontrar um amplo espectro de ideais que

defendem uma vida com maior equidade social, o fim das vulnerabilidades das mulheres resultantes de fatores econômicos, culturais, jurídicos etc.

Esta (re)leitura compreende um projeto de aproximação conceitual sobre o pensamento e as obras da física, ambientalista e ativista indiana Vandana Shiva. Seu olhar sobre o ecofeminismo destaca o processo de reconhecimento de uma percepção socioambiental feminina sobre as problemáticas ecológicas contemporâneas e o empoderamento da mulher no seu âmbito de viver. Segundo Flores e Trevisan (2015):

O ecofeminismo está relacionado à produção da vida, ao equilíbrio e respeito à natureza, assim como à valorização da mulher dentro de suas comunidades e à promoção dos direitos humanos. Para outros, a presença de ecofeminismo na comunidade está relacionada ao cuidado, à sensibilidade e à cooperação.

Essa corrente, que surgiu nos anos 1970 e que tomou maior proporção nos anos 1990 no Brasil, ainda gera muitas dúvidas sobre seu movimento e surgimento.

Dessa forma, se revela necessário explicar brevemente sobre o movimento feminista e ambientalista descrevendo os principais momentos históricos, conquistas e anseios para que assim seja possível compreender as vertentes do ecofeminismo. Falamos aqui de uma pesquisa bibliográfica para embasar as fundamentações teóricas necessárias, a partir do prisma feminista, investigando a importância de temas sobre o meio ambiente para a vida das mulheres e suas consequências para a humanidade

Sendo assim, esta pesquisa bibliográfica apresenta em seu terceiro capítulo uma revisão de literatura sobre o feminismo e ecofeminismo. No quarto capítulo o estudo apresenta os resultados da revisão teórica e o produto da pesquisa: um material didático sobre o pensamento de Vandana Shiva, afim de publicizar e facilitar o acesso a sua corrente de pensamento e contribuir para suas ações em defesa do meio ambiente e ao protagonismo das mulheres.

1.1 Justificativa

“Os valores culturais de cada povo, sua identidade, são representados por bens materiais ou imateriais, que se tornam juridicamente protegidos em virtude de lei” (SOUZA, ano, p. 153).

Valores expressam ideais, aspirações, necessidades reais e importantes que o ser humano constitui ao longo da vida em suas relações intersubjetivas e que podem ser sintetizadas no campo da ética. Essa construção se dá a partir das relações sociais criadas pelo indivíduo e geradas dentro de uma coletividade. Cada agente tem um papel dentro uma comunidade e, por exemplo, se uma pessoa cresce aprendendo a respeitar o meio em que vive, ou mesmo tem sentimento de pertencimento ao lugar de convívio seja ele qual for, este indivíduo se torna um agente transformador do lugar. Quando nossas raízes são de alguma forma esclarecidas desde a metamorfose humana, aquela que vai desde o nascimento até a fase adulta, todas as relações futuras serão mais bem administradas.

Para formarmos agentes transformadores e multiplicadores na preservação do meio ambiente, temos que primeiramente ter o valor enraizado dentro de nós. Isso tem a ver com a nossa cultura, aquilo que damos valor, o meio que vivemos, a sociedade da qual partilhamos e o meio familiar no qual viemos. E para que possamos visualizar gerações futuras que buscam a preservação e o respeito à natureza, temos que começar este incentivo a partir de hoje.

Preservação e conservação são termos diferentes, mas que podem ser equacionados em uma visão holística de sustentabilidade ecocêntrica. Preservação quer dizer proteção integral, ou seja, manter um determinado ecossistema intacto e sem interferência da ação humana (áreas anecúmenas). Conservação significa exploração das riquezas naturais, com avaliação de custos e benefícios, garantindo a sustentabilidade para as atuais e futuras gerações (áreas ecúmenas) (ALVES, 2017).

Como não pensar em preservação e conservação da nossa biodiversidade nos dias de hoje?

Sob o olhar de análise da estudante, a busca por uma maior compreensão do tema é relevante, pois vai de encontro com seus vínculos pessoais. A exploração do assunto promove uma reflexão sobre o conteúdo para a comunidade acadêmica, para os estudantes e para a sociedade em geral. Os motivos que impulsionaram esta apuração foram principalmente a busca por um entendimento e resposta de como a industrialização e a má gestão dos recursos naturais pode afetar diretamente a vida em sociedade e aos que dependem desses meios para manutenção da vida. Para Shiva “A agricultura baseada na biodiversidade protege o planeta e os agricultores” (p.31, 2001).

Shiva buscar enfatizar o mau que os pesticidas causam aos seres vivos e o bem que a mulher faz à natureza, desta forma o presente trabalho buscou compreender, sintetizar e teorizar os estudos realizados por Vandana à respeito do ecofeminismo e seus preceitos em relação à biodiversidade.

1.2 Objetivos

Objetivo Geral

Através de uma pesquisa bibliográfica contribuir para um maior reconhecimento das ideias e propostas da física, ambientalista e ativista hindu Vandana Shiva, ao explorar quais são suas contribuições e entender seus pontos de vista e perspectivas para o futuro da biodiversidade, além de buscar entender suas propostas de preservação e conservação da natureza.

Objetivos específicos

- a) Analisar e sistematizar arquivos, livros, textos, vídeos e outros materiais de Vandana Shiva disponíveis para consulta;
- b) Investigar quais as propostas da autora para a preservação do meio ambiente;
- c) Elaborar um produto educacional baseado nas ideias de Vandana Shiva.

2 METODOLOGIA

2.1 Concepção do método

O percurso metodológico do presente trabalho encontra seu fundamento na proposta de construção de elementos que propiciem uma educação ambiental compreensiva, na qual todos somos educadores ambientais em nossas práticas cotidianas, seja em salas de aula, elaboração de estudos, pareceres e laudos, intervenções de arte e cultura, manejo de solos, florestas, águas etc. Nestes termos,

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade crítica e sua sensibilidade). (MINAYO, 1996, p. 14).

Nessa perspectiva, o educador ambiental é, sobretudo, um “intérprete de seu contexto, ao mesmo tempo que é interpretado” (CARVALHO, 2005, p. 179). Esse olhar hermenêutico sobre a realidade nos conduz ao universo da linguagem enquanto espaço compartilhado de (re)significação constante, ou seja, relações em que não apreendemos de antemão, de maneira solitária e individualizada o conjunto de significantes e significados de uma interlocução. Tal tarefa, se assim puder ser denominada, é comum entre todos os participantes de um diálogo, de uma prática ou experiência pedagógica ou de um agir pautado por uma moralidade ética ambiental restauradora da plenitude do viver ecológico.

A escolha pelo caminho biográfico e narrativo busca, portanto, alinhar novos elementos em relações intersubjetivas, principalmente com crianças e adolescentes, e não em sistemas hermenêuticos fechados. Mas, isto sim, na qualidade de fomentadores de novos olhares, reflexões e ações de um mundo comum e compartilhado. Uma educação ambiental voltada à crianças, jovens e adultos críticos, pensantes e ativos.

A trajetória de vida e as reflexões de Vandana Shiva transcendem o contexto hindu, ou mesmo asiático, e transpõem fronteiras e línguas. Suas interfaces entre educação ambiental, sociobiodiversidade, ecofeminismo, democracia, agroecologia etc. são constituintes e constituidoras de um potencial criativo e restaurador da vida social em diferentes conjunturas.

Não obstante, a escolha pela investigação desde os escritos e a biografia da autora tem como objetivo primordial possibilitar o acesso universal ao seu pensamento, inclusive em diálogo com os espaços escolares e o currículo didático interdisciplinar. A partir do processo de orientação durante os encontros do mestrado, houve a decisão de mergulhar no acervo de livros, filmes, palestras, artigos etc. disponíveis sobre o assunto e sistematizá-los em uma primeira versão a ser corrigida e ampliada com o tempo.

Cabe destacar, ainda, que o percurso metodológico estabeleceu um diálogo com um campo novo de pesquisas, qual seja, a interface entre ciência, narrativas biográficas e memórias desde as perspectivas de diferentes campos disciplinares, tais

como a antropologia, a história, a linguística, entre outras. Nessa toada, a antropóloga e professora da Unicamp Suely Kofes observa em sua obra *Vida & Grafias* que:

Não me parece que a discussão sobre narrativas biográficas deva continuar nos termos da oposição entre indivíduo e sociedade subjetividade e objetividade, ou da oposição entre estrutura, concepção e ação social, apesar de as biografias serem fontes preciosas para tais discussões. As biografias podem ser dispositivos para criar pessoas, personalidades, santos, heróis e fracassados ou, ainda, incorporar ideias e valores – ideologias e moralidades – em vidas concretas, considerando-as como passíveis de serem expandidas, supondo a vida como modelo passível de imitação. (KOFES, 2015, p. 36)

A autora destaca, também, que a compreensão de fenômenos sociais a partir de uma categoria filosófica como a “experiência” em articulação com as narrativas biográficas permitem, sim, transpassar as clássicas oposições entre indivíduo e sociedade, subjetivo e objetivo. Para tanto, a expressão da experiência conteria relações, conexões, movimentos da vida, experiência social e reflexão dos próprios sujeitos, conteria a expressão da experiência que prescindem de sua expressão narrativa”. (KOFES, 2015, p. 36) Em outras palavras, a estrutura da experiência revela um potencial para conectar a “experiência vivida e os sentidos dados e criados pelo sujeito”. (KOFES, 2015, p. 36)

As narrações biográficas permitem, portanto, estabelecer interconexões temáticas, tais como meio ambiente e ética ambiental, em que os nexos articulam dimensões cognitivas “retendo evocações e informações entre real (pessoa) e ficção (personagem)” (KOFES, 2015, p. 37). Há um lugar social a ser desvelado pelas narrativas biográficas no processo de formação e educação ambiental, ainda pouco explorado, e com alto potencial no campo da replicação de experiências socioambientais (no caso do presente trabalho) e que permitiriam uma consciência crítica e ações concretas.

Sob o ponto de vista metodológico, a investigação teve uma abordagem qualitativa, com o estudo exploratório do trabalho de Vandana Shiva. Esta investigação foi orientada pelos princípios e metodologias circunscritas na proposição das narrativas biográficas. A exploração do trabalho de Shiva dentro desse recorte, visa uma contribuição para que interessados no assunto possam contar com mais um material/artigo, para obter embasamento teórico.

2.2 Procedimentos metodológicos

No âmbito dos procedimentos metodológicos adotados foi utilizada a pesquisa bibliográfica através de textos, livros, vídeos da internet e materiais disponíveis para o aprofundamento deste estudo. As pesquisas de Vandana têm uma abrangência extraordinária, seus estudos sobre ecofeminismo, feminismo, biodiversidade, entre outros vão além dos limites deste artigo. Para tanto é viável frisar que neste documento está delimitado apenas as considerações de Shiva à respeito do Ecofeminismo.

Enquanto abrangência de concepções teóricas de abordagem, a teoria e a metodologia caminham juntas, intrincavelmente inseparáveis. Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática (MINAYO, p.4, 2001).

Para tanto a pesquisa se dedicou a uma pequena parcela de seu pensamento, abarcando as linhas principais da sua obra, houve a adoção de determinados preponderantes na execução da pesquisa, com procedimentos e ferramentas centrados na: pesquisa documental, acesso a documentos em sites, livros, traduções, vídeos, fotos, entre outros materiais acessíveis. Conforme Gil, “A pesquisa bibliográfica é o levantamento de informações e conhecimentos acerca de um tema a partir de diferentes materiais bibliográficos já publicados” (GIL, 1991).

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Grandes mulheres que marcaram o início do feminismo no Brasil e no mundo

Antes mesmo do termo “feminismo” surgir e sua composição científica na academia tomar gigantescas proporções, grandes nomes femininos já haviam marcado a história de luta pelos direitos das mulheres em vários segmentos da sociedade.

De acordo com SIQUEIRA,

O movimento feminista, na década de 1990 começa a se formar como movimento internacional, e não apenas como movimentos que internacionalmente tem as mesmas referências teóricas. Os diálogos entre organizações passam a se reforçarem, e nesse contexto surge a MMM (Marcha Mundial das Mulheres), na metade da década de 1990. (p. 43, 2016).

Entre tantas, podemos citar Joana d'Arc, francesa que lutou no exército na Guerra dos 100 anos, foi canonizada pelo papa Bento XV e virou padroeira da França; Dandara, companheira de Zumbi dos Palmares, verdadeira guerreira do Quilombo dos Palmares; Marie Curie, primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel e primeira pessoa a ganhar o prêmio duas vezes em categorias diferentes, seus estudos sobre radiatividade ajudaram na criação do raio x; Maria Quitéria de Jesus, primeira mulher a integrar o exército brasileiro em 1882; Nísia Floresta, primeira escritora brasileira que publicou textos em jornais populares no século XVIII e publicou o livro "Direitos das mulheres e injustiças dos homens", que indaga a capacidade das mulheres em assumir cargos de liderança ou qualquer outra função; Ada Lovelace, nascida no Reino Unido, seus estudos influenciaram na invenção do computador; Chiquinha Gonzaga, primeira maestrina do Brasil.

As ONG's feministas (e outras) se multiplicam na década de 1980, fato determinado por uma combinação da redução das funções sociais do Estado e das soluções definidas por acordos internacionais para suprir esse quadro gerado pela consolidação de um Estado de mínima interferência nas políticas sociais. Também é importante frisar que as feministas - que na década de 1970 já haviam fortalecido laços com setores populares da sociedade brasileira - passam a se organizar com mais autonomia no período de 1980. (Siqueira, p. 33, 2016).

Coco Chanel, sua luta transformou a moda em libertação na década de 20, apareceram os cortes de cabelos curto e o uso de calças pelas mulheres; Bertha Lutz, brasileira que influenciou o direito ao voto das mulheres na década de 1910; Frida Khalo, mexicana que representava em suas artes as questões íntimas femininas, marcadas pela dor, sofrimentos e abusos; Simone de Beauvoir, autora do livro "O segundo sexo", citado em diversas discussões sobre o feminismo e publicado sua primeira edição em 1949, entre outras. Esses são alguns nomes da luta das mulheres por igualdade de gênero e ampliação dos direitos das mulheres perante a sociedade. A Professora e Doutora Cynthia Sarti nos possibilitou compreender que:

Muitos direitos foram conquistados a partir do engajamento das mulheres na luta e apesar da origem do feminismo ter partido da classe média intelectualizada, visto que as primeiras militantes tiveram acesso com facilidade a um estudo qualificado (devido pertencerem às famílias de elite), voltado para a construção de um pensamento crítico, principalmente com textos de origem marxistas e socialistas, o movimento também conseguiu alcançar as classes populares, criaram na época grupos de estudos feministas em bairros afastados e pobres em todo país e elaboraram propostas e políticas em benefícios dessas classes (Mendez, Vaz e Carvalho, p.6, 2015).

. É fato que não se constrói nada sozinho, refletindo então sobre a força que a união das mulheres teve com o surgimento do feminismo os dados se concretizam. Levando em conta que mesmo que esses movimentos tenham emergido a partir da burguesia, esse estímulo foi crucial para servir de exemplo para o gênero descrito sempre como o “mais fraco”. A partir dos primeiros movimentos feministas surgiram outras manifestações ao redor do mundo realizadas por mulheres com suas inspirações pessoais e/ou coletivas, no entanto, seguindo sempre o mesmo propósito, o de mostrar que a partir de então será difícil calar suas vozes.

Nos próximos tópicos serão citados outros nomes que influenciaram e incentivaram o movimento feminista e deram margem para suas derivações.

3.1.1 Motivações do feminismo

Ler, escrever, falar, escolher o que vestir, escolher o que comer, escolher seu marido ou parceiro etc., atos que atualmente quase todas as mulheres fazem pela sua própria vontade, em um passado nem tão distante eram proibidas e caso resistissem poderiam ser castigadas drasticamente, até mesmo tirando-as o direito de viver. Sem falar dos direitos que hoje são constitucionais em muitos países, como votar e ser votada, ocupar cargos políticos e de lideranças, concorrer cargos em concursos públicos e ingressar em universidades. De acordo com MENDES, VAZ E CARVALHO (p.03, 2015):

Durante muito tempo a mulher foi representada na sociedade como um sexo frágil, submisso e com um único papel – a reprodução. Desde a Grécia antiga, grandes filósofos como Aristóteles já sustentavam essa ideia de submissão da mulher e superioridade do homem e a partir da institucionalização da família, propriedade privada e acúmulo de bens a sociedade vai ser caracterizada pelo modelo patriarcal e o papel “doméstico” da mulher vai ser cada vez mais afirmado.

Desta forma, o feminismo surge como um movimento que conecta e articula diversos segmentos da sociedade. Tais segmentos sociais espelham uma concepção ética e filosófica de reconhecimento das alteridades e do pluralismo da vida social. O respeito aos diferentes modos de ser e viver é uma resultante, em larga medida, dos debates e discussões que na segunda metade do século XX possibilitou emergir um pensamento crítico com relação a perspectivas universalistas que não estabeleciam diálogo efetivo com a diversidade identitária e de pertencimento que caracteriza a vida social.

Nesse sentido, o feminismo constitui para muitos historiadores das ideias uma das principais revoluções do século passado, a qual permitiu articular uma ética da sensibilidade e da percepção para além de concepções que reduziam o mundo a uma única e hegemônica perspectiva, seja masculina, branca, das elites econômicas ou de poder, europeia e colonial etc. (PINSKY, 2003)

No campo do feminismo, é preciso lembrar do caráter precoce do movimento em prol do exercício pleno dos direitos da cidadania, tais como o sufrágio universal, o exercício do voto das mulheres ou mesmo da possibilidade de se candidatar a cargos públicos em condições de equidade de gênero. Tais lutas remontam ao século XIX, perpassando o século XX e reinscrevem a esfera pública de agendas políticas do tempo atual, pois muitas transformações ainda constituem uma premissa de justiça social.

3.1.2 Feminismo: a luta pela ampliação dos direitos das mulheres

Nesse sentido, compreender o poder feminino, as mulheres e seu contexto histórico constitui uma tarefa que exige tempo e dedicação. Por um longo período na história, as diferentes perspectivas das alteridades femininas tiveram pouca visibilidade. Alguns fatores podem ter desencadeado esse processo de desmerecimento, um deles seria o fato de que as mulheres frequentavam pouco os espaços públicos devido às regras jurídicas ou morais de determinadas sociedades. Outro ponto reside no processo de silenciamento de gênero, ou seja, não era comum vê-las nos lugares onde as outras pessoas estavam, elas não tinham acesso à vida escolar, nem à escrita, quando podiam escrever sobre algo, estes conteúdos se tornavam ocultos e guardados.

As imagens sobre mulheres, historicamente contadas, das quais se têm referência foram produzidas por homens. Aliás, essas narrativas expressam muito sobre suas supostas fragilidades e medos, do que de fato suas vidas reais, algo como uma “imaginação”, a qual remete ao feminino como um “ser causador de todo mal presente no planeta”. Puleo (2004) afirma que na Grécia, “os mitos contavam que, devido à curiosidade própria de seu sexo, Pandora tinha aberto a caixa de todos os males do mundo e, em consequência, as mulheres eram responsáveis por haver desencadeado todo mal do mundo.”

Da mesma maneira a religião apresenta a figura da mulher como o sinônimo do pecado. Sob o ponto de vista da tradição cristã, por exemplo, nos textos do antigo testamento podemos compreender melhor na história de Adão e Eva. Enquanto o homem é representado como um ser que ignora a profanação, mantendo uma “venda” em seu olhos, sua companheira comete o erro de morder a maçã envenenada abrindo as portas da maldade para o mundo. Com este ato a mulher teve sua condenação eterna, devendo ser comedida e regulada, tendo que pagar pelo erro de conduzir a raça humana ao pecado infundável e poupá-los de obter a inocência criadoura.

Estes rótulos foram dados às mulheres desde que o mundo é mundo, quando a Igreja se apresenta mandatária das leis, dos princípios e das crenças humanas. Argumento que serviu de base para a chamada “Inquisição”, ou como também era conhecida a “Idade das Trevas”. Esse período foi considerado pela historiografia desde uma natureza muito hostil para as mulheres, quando estas eram acusadas de bruxaria ou feitiçaria, eram assassinadas em praças públicas. Os acusadores focavam nas mulheres que não se enquadravam no perfil: mãe, boa mulher, esposa, restrita ao ambiente privado do lar e beata.

Vandana Shiva considera que a partir de uma sociedade que segregava seus membros, os homens ganharam poder, mas esse poder se deu através de um processo de separação dos elementos da vida. Separação da natureza, sociocultural, da família e da comunidade. Não obstante, segundo a autora, as mulheres continuaram a ser relacionadas sobretudo com a vida, com a natureza (SHIVA, 2013).

Em suma, durante muito tempo a mulher foi vista e apresentada como alguém abaixo da hierarquia patriarcal, onde o masculino, o ser “supremo”, a base “forte” e o “cabeça do casal” é o homem. Quando nascia um menino no seio familiar esse fato era comemorado durante semanas, pois esse nascimento era considerado sinônimo de virilidade, força e prosperidade para as próximas gerações. A procriação da menina

era temida, visto que com ela viriam preocupações dos chamados “dotes” na concepção do seu casamento. Essa mulher só teria um sobrenome de respeito a partir de seu pai, ela não era ouvida e deveria desde pequena aprender a ser uma “dama” exemplar. De acordo com Muraro:

Há dez mil anos instalou-se o patriarcado, em que os valores masculinos começam a predominar inteiramente. O homem passou a saber quem é o pai da criança e, até meados do século XX, prendia a mulher em casa, cozinhando, lavando, passando e parindo o maior número de filhos possível. (MURARO, 2007, p. 29).

Com esses fatos historicamente comprovados e presentes nos ambientes familiares, nos quais as opiniões de caráter machista e/ou patriarcal vinham a suprimir as vozes femininas e afastá-las das deliberações públicas e dos espaços sociais, não demorou muito para surgir uma reação contra hegemônica feminina.

[...] o “discurso feminista” surge a partir da tomada de consciência de uma opressão específica que atinge as mulheres, articulada por um discurso misógino com base na ciência, na lei, nos costumes, na religião e nas relações sociais de produção. Para se contraporem, as mulheres passaram a elaborar um discurso político próprio e a se identificar enquanto grupo social com identidade própria: as feministas. (MENDEZ, 2005, p. 52)

Muitos eventos marcam a linha do tempo do movimento feminista pelo mundo. Em destaque na história, como já destacado anteriormente, a luta pelo direito ao voto marcou a “primeira onda” do feminismo no final do século XIX no Reino Unido. “As sufragistas, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome” (PINTO, 2010, pag. 15), e adquiram o direito de votar em 1918.

No Brasil as lutas e manifestações ao direito de sufrágio universal também marcaram o início do movimento feminista. Após muitas manifestações lideradas por Bertha Lutz, em 1932 a previsão de direito ao voto, ou seja, de cidadania política plena – para todas as pessoas acima de dezoito anos, inclusive as mulheres, foi efetivado somente com uma inovação no Código Eleitoral Brasileiro vigente à época (PINTO, 2010).

Segundo Pinto (2010), a publicação do livro “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, no final da década de 1940, foi um marco do movimento feminista e iniciou sua “segunda onda”, no qual o lema era “não se nasce mulher, se torna mulher”. Pinto

(2010) também afirma que o movimento Hippie, com seu lema “paz e amor”, que se iniciou nos Estados Unidos, mais precisamente na Califórnia na década de 1960, marcou o início de novos atos políticos e de consumo contrários ao padrão da época e incentivaram o protagonismo feminino na sociedade. Vale lembrar que foi também na década de 1960 que a pílula anticoncepcional foi lançada nos EUA, e garantiu o direito das mulheres de prevenir uma gravidez indesejada.

No Brasil, a onda do feminismo e os processos de questionamento social e organização política e cultural das mulheres teve uma interrupção política na década de 1960, explicada no trecho abaixo:

No Brasil, a década de 1960 teve uma dinâmica diversa em relação ao resto do mundo. O país, nos primeiros anos da década, teve grande efervescência: a música revolucionava-se com a Bossa Nova, Jânio Quadros, após uma vitória avassaladora, renunciava, Jango chegava ao poder, aceitando o parlamentarismo, a fim de evitar um golpe de estado. O ano de 1963 foi de radicalizações: de um lado, a esquerda partidária, os estudantes e o próprio governo; de outro, os militares, o governo norte-americano e uma classe média assustada. Em 1964, veio o golpe militar, relativamente moderado no seu início, mas que se tornaria, no mitológico ano de 1968, uma ditadura militar das mais rigorosas, por meio do Ato Institucional n. 5 (AI-5), que transformava o Presidente da República em um ditador. (PINTO, 2010, p. 16).

Essa característica política temporal do país transformou o processo de organização social, política e cultural em crime no Brasil, com a doutrina da segurança nacional. E a resistência das mulheres em reivindicar seus direitos foi transformada muitas vezes em prisões, torturas e exílios. Foram anos difíceis e cruéis para muitos brasileiros, inclusive para as mulheres.

Nesse mesmo contexto temporal da história, na Europa o movimento feminista se fortalecia. Muitas brasileiras exiladas tiveram contato com grupos de feministas que tinham em sua agenda política e nas pautas reivindicações que iam além dos direitos das mulheres. Para Duarte, “Nota-se que o feminismo nunca esteve alheio às pautas e reivindicações do contexto social do período em que estava inserido” (2015, p. 41). O feminismo agrega todas as causas sociais que afetam principalmente as classes menos favorecidas e luta pela melhoria da condição de vida de toda a sociedade.

Duarte (2015) observa que um fator essencial para a disseminação do feminismo foi o incremento do processo de alfabetização das mulheres. O ato de saber ler e escrever para poder concorrer ao mercado de trabalho, ainda que fosse mão de

obra barata e com horas exaustivas de trabalho, levou as mulheres aos movimentos operários.

Ademais, inegável também que o desenvolvimento do feminismo está vinculado ao processo de implementação e consolidação do capitalismo. O mercado necessitava de mão de obra, e com as guerras e epidemias da época, as mulheres foram rapidamente recrutadas à incorporar a classe operária. Mas para isso, era preciso capacitar minimamente essas mulheres para o desempenho das atividades laborais. Por esta razão, as mulheres das classes sociais mais baixas passaram a aprender a ler e escrever, benefício até então só permitido às mulheres burguesas. (DUARTE, 2010, p. 41).

Maria Lacerda de Moura (1887-1945), brasileira que escreveu vários livros sobre práticas pedagógicas, reforçava em seus livros que a instrução é um poderoso fator na transformação da vida das mulheres e que a leitura abre horizontes que antes pareciam intocáveis (MOURA, 1925).

O aumento do leque de reivindicações das mulheres e o apoio aos movimentos sociais foi marcado pela Carta Política lançada em 1976 em Paris. Seu texto trazia o objetivo de lutar em conjunto com homens e mulheres contra a dominação do capitalismo. Surgiu assim, a partir dos anos 1980 na Europa, nos Estados Unidos e também no Brasil, a organização e institucionalização de vários grupos populares libertários.

Com a redemocratização dos anos 1980, o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais. Estes grupos organizavam-se, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. Este encontro foi muito importante para os dois lados: o movimento feminista brasileiro, apesar de ter origens na classe média intelectualizada, teve uma interface com as classes populares, o que provocou novas percepções, discursos e ações em ambos os lados. (PINTO, 2010, p. 17).

Com o surgimento de indústrias e postos de trabalhos, essas mulheres foram prontamente inseridas na classe operária e sua mão-de-obra disponível rapidamente aproveitada pelo mercado. Com a incorporação dessas trabalhadoras nas organizações, as empresas perceberam a necessidade de ensiná-las a leitura e a escrita para melhor aproveitamento da atividade laboral. Importante destacar que esse

benefício era até então exclusividade das classes urbanas e burguesa. Com essa “carta na manga”, foi notável a disseminação e crescimento do movimento feminista.

Pinto (2010) afirma que com a institucionalização do feminismo através de ONGs e Conselhos em várias esferas do governo, muitas conquistas legitimam hoje os direitos e proteção das mulheres por meio de leis específicas. Logicamente que até a criação dessas leis, muitas mulheres sofreram e perderam suas vidas.

Apresentando uma linha do tempo ainda tímida, que trata no âmbito das normas legais e instituições administrativas os crimes contra as mulheres no Brasil, podemos citar: a) 1985 surge a primeira DEAM - Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher, hoje espalhadas por vários municípios brasileiros e que realizam ações de prevenção, proteção e investigação dos crimes de violência doméstica e violência sexual contra as mulheres; b) 2006 é criada a Lei nº 11.340 – Lei Maria da Penha, que julga violências domésticas contra a mulher; c) 2015 é aprovada a Lei nº 13.104 – Lei do Feminicídio, que julga homicídios qualificados praticados contra a mulher só pelo fato de ser mulher.

Esses quase 200 anos de lutas, manifestações, sofrimentos, mortes e estudos sobre feminismo em diversas áreas do conhecimento científico, deram origem as palavras contemporâneas que mais simbolizam o feminismo: empoderamento e representatividade.

Abaixo a linha do tempo pode ser brevemente representada:

- ✓ 1827 – Mulheres começam a frequentar escolas secundárias.
- ✓ 1832 – Publicado o livro: “Direito das mulheres e injustiças do homens” (Nísia Floresta). O livro é considerado o fundador do feminismo brasileiro. Na obra, a autora reforça que a mulher é tão capaz quanto o homem de assumir cargos de liderança e qualquer outra função. Nísia Floresta foi a primeira mulher a denunciar o mito de superioridade do homem publicamente, além de caracterizar as mulheres como seres inteligentes e merecedoras de respeito.
- ✓ 1852 – Criação do primeiro jornal feminino
- ✓ 1871 - Lei do Ventre Livre é promulgada: Assinada pela Princesa Izabel, determinava que filhos de escravas nasciam livres, no período do Império.
- ✓ 1879 – Mulheres podem ingressar em faculdades
- ✓ 1885 – Chiquinha Gonzaga é consagrada a primeira Maestrina brasileira.

- ✓ 1887 – Surge a primeira médica brasileira
- ✓ 1888: É declarado o fim da escravidão
- ✓ 1910: Nasce Patrícia Galvão, a Pagu. Embora tenha nascido em uma família burguesa, a escritora, jornalista e militante se afastou da sua classe social de origem e se juntou ao movimento comunista. Ela se tornou a primeira presa política da história brasileira e chegou a ir para a prisão mais de 20 vezes. Por quê? Basicamente, ela queria a igualdade entre os sexos.
- ✓ 1910: É criado o Partido Republicano Feminino
- ✓ 1918: Maria Lacerda de Moura publica Em Torno da Educação
- ✓ O livro também entra na lista de obras importantes que marcam o começo do feminismo brasileiro. Nele, Maria Lacerda defende o processo educacional na libertação feminina e reforça que a instrução é um fator indispensável na transformação da vida das mulheres.
- ✓ 1919: Resolução de salários iguais para homens e mulheres é aprovada
- ✓ 1919: Resolução de salários iguais para homens e mulheres é aprovada
- ✓ 1921: Primeiro jogo de futebol entre mulheres
- ✓ 1923: A enfermagem começa no Brasil
- ✓ 1928: Primeira prefeita brasileira é eleita
- ✓ 1932: Maria Lenk se torna a primeira mulher a participar das Olimpíadas
- ✓ 1934: Mulheres conquistam o direito de votar
- ✓ 1936: Primeiro Sindicato das Domésticas é criado
- ✓ 1954: Martha Rocha é eleita Miss Brasil
- ✓ 1962: É criado o Estatuto da Mulher Casada Em 27 de agosto, a Lei nº 4.212/1962 permitiu que mulheres casadas não precisassem mais da autorização do marido para trabalhar. A partir de então, elas também passariam a ter direito à herança e a chance de pedir a guarda dos filhos em casos de separação. No mesmo ano, a pílula anticoncepcional chegou ao Brasil. Apesar de ser um método contraceptivo bastante polêmico, por mexer com hormônios, não dá para negar que o medicamento trouxe autonomia à mulher e iniciou uma discussão importantíssima sobre a liberdade sexual feminina.
- ✓ 1975: Jornal Brasil Mulher é fundado
- ✓ 1977: Lei do Divórcio é aprovada

- ✓ 1979: Mulheres são autorizadas a praticar qualquer esporte
- ✓ 1980: Forças Armadas passa a aceitar também mulheres
- ✓ 1981: Ivone de Lara lança a música *Sorriso Negro*
- ✓ 1985: Surge a primeira Delegacia da Mulher A DEAM (Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher) surge em São Paulo e, logo depois, outras unidades começam a ser implantadas em outros estados. Essas unidades especializadas da Polícia Civil realizam, essencialmente, ações de proteção e investigação dos crimes de violência doméstica e violência sexual contra as mulheres.
- ✓ 1988: Ocorre o primeiro encontro nacional de mulheres negras
- ✓ 1996: É reivindicado que mais mulheres participem ativamente da vida política brasileira
- ✓ 2002: “Falta de virgindade” deixa de ser crime
- ✓ 2006: É criada a Lei Maria da Penha
Definitivamente, essa é uma das conquistas mais importantes para as mulheres brasileiras. A Lei nº 11.340 foi sancionada para combater a violência contra a mulher.
Maria da Penha: a farmacêutica, que dá nome à lei, precisou sofrer duas tentativas de homicídio e lutar durante quase 20 anos para, enfim, conseguir colocar seu marido criminoso na cadeia. Foi em 1983 que ela sofreu o primeiro ataque de Marco, que atirou em Maria. Apenas 23 anos depois uma lei de proteção foi criada.
- ✓ 2010: É eleita a primeira mulher Presidente do Brasil
- ✓ 2011: Marcha das Vadias chega ao Brasil
- ✓ 2013: Kathryn Bigelow é a 1ª mulher a ganhar Oscar de Melhor Direção
- ✓ 2015: É aprovada a Lei do Femicídio
- ✓ 2016: Viola Davis é a primeira mulher negra a ganhar um Emmy
- ✓ 2018: Pessoas trans podem alterar seus nomes indo apenas ao cartório
- ✓ 2019: Primeira jornalista negra a ocupar a bancada do Jornal Nacional
- ✓ 2019: Primeiras mulheres negras a receberem o Oscar nas categorias de Melhor Figurino e Melhor Design de Produção

- (Fonte: Revista Capricho 2019-Editora Abril)

A partir dos dados revelados na linha tempo é inegável e revoltante constatar que a mulher vêm sendo tolhida de todas as formas à diversas gerações. Se analisarmos criticamente as conquistas creditadas à elas nos damos conta que somente em 2002 é promulgada a lei onde consta que a mulher pode ser isenta de crime se prestar falso testemunho de que é “virgem”, deixando claro que até então o marido tem propriedade sobre o corpo da esposa.

Destaca-se também, que apenas em 1976 as mulheres conquistam autorização para praticar qualquer esporte, seja ele considerado masculino ou não. Um absurdo do patriarcado encrustado dentro machismo, onde o homem enxerga na figura feminina um ser angelical em que esta só pode realizar tarefas domésticas.

É sabido que o trabalho doméstico é tão ou mais pesado comparando-se com serviços braçais em canteiros de obras, por exemplo. A mulher sempre foi o lado forte em se tratando de gênero, tanto aspecto da força quanto no fator psicológico, no entanto, o modelo antiquado do “masculino” se aproveitou das oportunidades embasadas na religião e na chamadas “famílias tradicionais” para demonstrar ímpeto e impor suas regras perante as mulheres. Contudo, felizmente é possível constatar que mesmo com tantas imposições feitas por uma sociedade machista e patriarcal, elas ganharam voz e espaço e continuam mostrando sua essencial importância para a humanidade.

3.1.3 Derivações do feminismo

O feminismo corriqueiramente demonstrou ser um movimento diversificado, haja vista que desde seu surgimento esteve em constante transformação. No continente europeu foi influenciado por correntes marxistas, em outros países têm-se a interferência liberal e reformista. No decorrer do tempo, e com os direitos até ali conquistados, as mulheres perceberam a necessidade de amplificar suas aspirações. No início da década de 1960 o movimento feminista se organiza novamente, chamando essa de “segunda onda”, colocando em xeque questões como direito ao livre uso do seu corpo, aborto, uso de anticoncepcionais etc.

Ficou evidente que as mulheres faziam dupla jornada de trabalho, além da atividade fora de casa, estas ainda eram as únicas responsáveis pelo trabalho doméstico e a criação dos filhos. Este “castigo” era imposto pela sociedade como forma de afirmar que o destino da mulher é este. A indignação com a diferença salarial

entre as mulheres e os homens começou a incomodar e não era mais aceita pelo feminismo. A ausência da presença feminina nos governos se tornava inexplicável e principalmente a violência contra a mulher no seio familiar ficou inaceitável. Cada vez mais casos que antes eram somente “briga de casal” foram expostos e abertamente denunciados.

Notamos que no final da década de 60 a mulher estava em evidência, os estudos sobre ela se intensificaram. A mulher e sua emancipação tornam-se teorias de estudos nos meios acadêmicos e estudantis.

Na segunda onda do feminismo houve ênfase para o fim da homofobia, a extinção do racismo, ou seja, havia uma pressão para a reversão de culturas pré-estabelecidas. O feminismo desse momento, fortaleceu a luta contra injustiças sociais que até então estavam esquecidas e/ou abandonadas pelos poderes públicos

A atuação da mulher em diferentes áreas da sociedade e a busca por igualdade de gênero e social, fizeram aflorar no decorrer das décadas derivações do feminismo em busca de direitos igualitários a toda a sociedade e a diminuição das injustiças sociais, econômicas, culturais, políticas e ambientais. Pinto (2010) destaca que os estudos e pesquisas sobre o feminismo nas universidades a partir da década de 90 deram origem a terceira onda do feminismo.

Com a expansão do feminismo negro, feminismo lésbico, feminismo popular, ecofeminismo, feminismo cristão e assim por diante, a segunda metade dos anos 80 e os anos 90 viram a proliferação de novas protagonistas cujas trajetórias político-pessoais diferiam de modo significativo daqueles das primeiras feministas (referidas agora como “históricas”) cujos discursos enfatizavam a forma em que raça/etnia, classe, sexualidade, idade são constitutivas das identidades de gênero e cujas práticas diferiam às vezes da política cultural dos primeiros anos do feminismo latino-americano. (ALVAREZ, 2000, p. 393).

Sendo assim, cabe trazer neste trabalho algumas categorias do feminismo e suas representatividades:

- Feminismo Liberal: Sendo o Liberalismo a defesa da liberdade política e econômica, o feminismo liberal expressa que as mulheres têm toda a competência de fazer suas escolhas (liberdade sexual, liberdade reprodutiva, liberdade profissional etc.), e que as posições de desvantagens não devem ser mediadas pela equidade de gênero e sim pela condição social de cada indivíduo. Por exemplo, a mulher não deve ficar em posição de desvantagens

no mercado de trabalho (cargos de liderança e remuneração) só pelo fato de ser mulher, se sua condição social levou-a conquistar títulos e experiências importantes para sua profissão, isso deve ser considerado (CYFER, 2010).

- Feminismo Marxista: Essa vertente do feminismo tem a convicção que a opressão sobre as mulheres está associada diretamente ao capitalismo e suas estruturas políticas, econômicas e privadas (SANTOS; NÓBREGA, 2004).

Para tanto, acreditamos que o feminismo marxista nos oferece o método de análise para desvelar com criticidade e em uma perspectiva de totalidade a construção histórica das opressões e explorações consubstanciada pelas relações sociais de classe, raça e sexo, condição básica para fundamentar a teoria e a ação revolucionárias. (CISNE, 2018, p. 227).

- Feminismo Interseccional:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Sendo assim, o feminismo interseccional abre espaço para todos os tipos de opressões que as mulheres sofrem referentes ao gênero, raça, classe social etc., levando em consideração suas reais necessidades, reivindicações e direitos, construindo e interligando pautas.

- Feminismo radical/RedFem: “Não a supremacia masculina”, esse é o lema do feminismo radical. Essa vertente afirma que a principal causa das desigualdades sociais é o patriarcado, sendo essa última a dominação do homem sobre a mulher.

Para vencer a opressão feminina, as feministas desta corrente defendem que é fundamental, mas não basta apenas, concentrar os esforços na busca das explicações sobre as diferenças entre os sexos e a subordinação da mulher no sistema patriarcal, mas que as mulheres devem se unir na luta contra os homens (argumento criticado e considerado por outras feministas como “guerra dos sexos”), assim como, devem rejeitar o Estado e todas as instituições formais por ser produto do homem e, portanto, de caráter patriarcal. (SILVA, 2008, p. 4).

- **Feminismo Negro:** O feminismo negro representa a luta da mulher negra por representatividade, potencializando “o sentido de pertencimento à sociedade como tal” (MOREIRA, 2007, p. 74).

Enegrecendo o feminismo é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminismo construídas em sociedades multirraciais e pluriculturais” (CARNEIRO, 2003, p. 118).

Entre as diversas reivindicações do feminismo, uma das mais relevantes e atuais é a da conservação e preservação do meio ambiente.

Dentro do feminismo surge a preocupação com o meio ambiente, tema antes exclusivamente tratado por ambientalistas ou quem fazia parte desse grupo de estudo. Essa junção de assuntos cria um vínculo entre os anseios da mulher e a natureza, nesse propósito surge então uma ética fundada no ecofeminismo. Essa parceria tem se mostrado positiva, pois o feminismo traz na bagagem as lutas contra as opressões sofridas pelo gênero e coopera para o fim da exploração da natureza. Esses dois movimentos juntos reforçam e despertam no ser humano o senso de justiça, autonomia, preservação da natureza, moral e ética.

No próximo tópico será aprofundado o conceito de ecofeminismo, vertente do feminismo que fundamentou esta pesquisa.

3.2 Ecofeminismo: A força da mulher na conservação da natureza

O livro “Primavera Silenciosa” de Rachel Carson, sem dúvida, está entre os livros mais citados em pesquisas sobre as origens da denúncia do uso antrópico desenfreado e monetário da natureza e seus recursos naturais. Em linhas gerais, o livro, publicado em 1962, trazia as consequências devastadoras que os pesticidas

produzidos pela indústria química dos Estados Unidos estavam causando na natureza, principalmente a aniquilação de insetos, responsáveis pela polinização natural das plantas.

Rachel Carson se tornou um ícone para o movimento ambientalista: era mulher, bióloga e lutava contra a dominação da indústria química sobre a natureza. Para iniciar as discussões sobre ecofeminismo, é necessário apresentar um prévio resumo da concepção do desenvolvimento a qualquer custo, que tornou a natureza um negócio, que caso não seja rentável se torna um empecilho.

O lema “desenvolvimento a qualquer custo” promoveu a partir da Revolução Verde, uma série de resultados de pesquisas científicas e em laboratório com o objetivo de aumentar a produtividade das monoculturas, através da modernização de práticas culturais, uso de maquinários pesados, agrotóxicos, sementes geneticamente modificadas etc. O sucesso desse pacote tecnológico aliado a revolução da indústria farmacêutica trazia a promessa de desenvolvimento e riqueza através da química (BONZI, 2013).

Outra revolução que trouxe a percepção da natureza mercantilizada é a Revolução Científica. Segundo Shiva (1998), a ciência dita moderna reduziu e fragmentou o conhecimento, uma vez que não reconhecia outro conhecimento ao não ser o científico e nem acreditava na regeneração natural. Se todo conhecimento não científico não é válido, o conhecimento feminino seria nulo. “A ciência reducionista é uma fonte de violência contra a natureza e a mulher, na medida que as subjuga e despoja da sua produtividade, energia e potencial plenos” (SHIVA, 1998, p. 39).

Vandana Shiva (1998) traz o conceito de florestação. No seu livro *Staying Alive*(Permanecendo Vivo) a autora observa que tal categoria foi descoberta com o movimento Chipko, a partir da constatação de que havia "dois paradigmas de florestação: um que preserva e promove a vida, outro que destrói a vida". Ainda segundo ela, o processo de conscientização e crítica do movimento resultou nas interfaces da florestação com a agricultura em geral e para o reducionismo da natureza em material comercial. Como exemplo, a concepção da madeira direcionada somente para produzir celulose, sem considerar toda biodiversidade de matérias e benéficos que uma única árvore pode oferecer sem ao menos ser cortada, constituiu um engano que destrói a vida.

Shiva também reflete que vivemos tempos em que o ideal de lucratividade pelas grandes corporações está acima do princípio vida. Nesse sentido, a ideia de

aumento infinito da produtividade legitimado pela ciência ao mesmo tempo que constituiu como uma das principais causas da crise ambiental que vivemos, também desconsidera toda forma natural de produção e regeneração da natureza, principalmente os edáficos e hídricos, transformando-a conseqüentemente os indivíduos, em especial as mulheres, que a cultivam sabedoramente, em seres passivos e consumidores.

É certo que a crise ambiental e a proliferação de problemáticas cada vez mais devastadoras aniquilam ecossistemas naturais e culturais ancestrais e a modernização capitalista dessa agricultura, hoje dita como tradicional, é uma das causas e uma das lutas do ecofeminismo. Souza (2007) destaca que o pensamento ecofeminista busca problematizar a existência de uma conexão entre a dominação da natureza pelos seres humanos e a supremacia masculina, regido pela relação de poder do capitalismo, restando supostamente para as mulheres somente a representatividade da reprodução por sua condição biológica.

Desta forma, essa corrente do feminismo, assim como outras categorias filosóficas e teses sobre as questões ambientais, afirma que as problemáticas ambientais estão diretamente ligadas à dominação da natureza e a exploração comercial da mesma, aniquilando não somente ecossistemas naturais mais também saberes, conhecimentos e culturas. A partir deste olhar, as mulheres fazem parte e são as guardiãs de simbolismos e práticas ancestrais que garantem a multiplicação da vida e sua biodiversidade. O ato de gerar seus filhos é um dos tantos outros, como o cultivo da terra, a manutenção da água, o armazenamento das sementes, os conhecimentos etnobotânicos etc. (SHIVA, 1998).

Essas práticas citadas no parágrafo anterior falam das mulheres do campo que são representadas e citadas pelas mulheres que estão nos grandes centros, nas universidades, nos movimentos sociais, nas ONGs, nas empresas, nos órgãos públicos. Hoje, mulheres de diversas formações acadêmicas e outras com conhecimentos empíricos imensuráveis, que apostam nas ideias do ecofeminismo para fortalecer e/ou reaproximar o ser humano da natureza e legitimar o poderio das mulheres na conservação da natureza. Buscando uma ecologia do encantamento da natureza (MOSCOVICI, 2007), tendo a tecnologia e a ciência apenas como meio para facilitar essa relação saudável e sustentável com a natureza.

Apresentando um momento importante para o ecofeminismo, Souza (2007) fala da ECO 92 como uma espécie de vitrine para o Brasil e o mundo. Paralelamente

à Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, mulheres de mais de oitenta países se reuniram no Planeta Fêmea: fórum de debates organizado por movimentos de mulheres. Esse encontro ajudou a difundir as conjunturas do ecofeminismo, as quais o autor apresenta a seguir:

O pensamento ecofeminista possui basicamente três pressupostos: 1) Um sob o ângulo econômico, no qual se percebe que a mulher e a natureza são tidas como recursos ilimitados que proporcionam a acumulação do capital. 2) Sob o enfoque político, que identificaria a mulher com a natureza e o homem com a cultura, perpetuando a hierarquização dos segundos (homem e cultura) para legitimar a opressão da mulher e da natureza. 3) Sob as políticas científicas e tecnológicas do desenvolvimento econômico moderno, não há neutralidade ao gênero, além de formarem uma visão que exclui o feminino do campo do conhecimento “científico”. (SOUZA, 2007, p. 7).

A partir destes pressupostos foram surgindo correntes para o ecofeminismo, apresentadas aqui a partir de Souza (2007) e Bonni e Bozetti (2017):

- ecofeminismo clássico: essa corrente considera a mulher ontologicamente o ser humano mais pré-disposto para a conservação da natureza, por suas características maternas e de geração da vida, por isso são mais próximas naturalmente natureza. Uma vez que o homem (masculino) é visto como um ser dominador e agressivo à natureza e a própria mulher, conseqüentemente, o causador da degradação ambiental e da exploração econômica da natureza e seus recursos.

- ecofeminismo espiritualista do terceiro mundo: esse movimento surgiu a partir das ideias religiosas de Mahatma Ghandi e da teologia da libertação, respectivamente difundidos na Ásia e na América Latina. Representado por Vandana Shiva, essa corrente acredita o homem (masculino) não é o principal causador da degradação ambiental, e sim o reducionismo da natureza a mera matéria-prima do capitalismo e dos processos de desenvolvimento desigual, que atinge negativamente os países do terceiro mundo, suas naturezas e suas mulheres. Ao mesmo tempo que não transfere a responsabilidade da degradação ambiental ao homem, o ecofeminismo espiritualista compartilha a ideia filosófica do ecofeminismo clássico de que as mulheres são essencialmente mais aptas para proteger a natureza, pelo fato de sua condição biológica, de mãe. Já a teoria da libertação, praticada na América Latina vai em defesa das mulheres pobres e dos indígenas, que, segundo seus ativistas, são os povos que mais sofrem com as injustiças ambientais.

- ecofeminismo construtivista: a perspectiva construtivista do ecofeminismo não compartilha da visão de que a mulher seja superior ao homem na preservação da natureza somente pelo fato do sexo feminino, e sim considerada que o patriarcado sobre as mulheres e sobre a natureza, além de todas as opressões, também é causador da degradação ambiental. Essa corrente traz a importância da mulher na conservação da natureza não pelas suas características sexuais e sim pelo seu papel na organização familiar, afetiva e econômica, e isso poderia trazer resultados positivos em outras áreas de interesse social e coletivo, como é o caso dos recursos naturais.

À parte os diferentes pressupostos e correntes do ecofeminismo e, em um plano maior do feminismo, o certo é que a luta das mulheres em favor da natureza e na manutenção da vida é uma história longa, ancestral e infinita, que vem abrindo, no decorrer dos tempos, espaços cada vez mais sólidos e representativos para as mulheres nos âmbitos políticos, econômicos e educacionais, fazendo que elas ocupem espaços antes dominados pelos homens e tomem decisões em prol de um bem comum para toda a sociedade.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1 Vandana Shiva: Narrativa Biobibliográfica

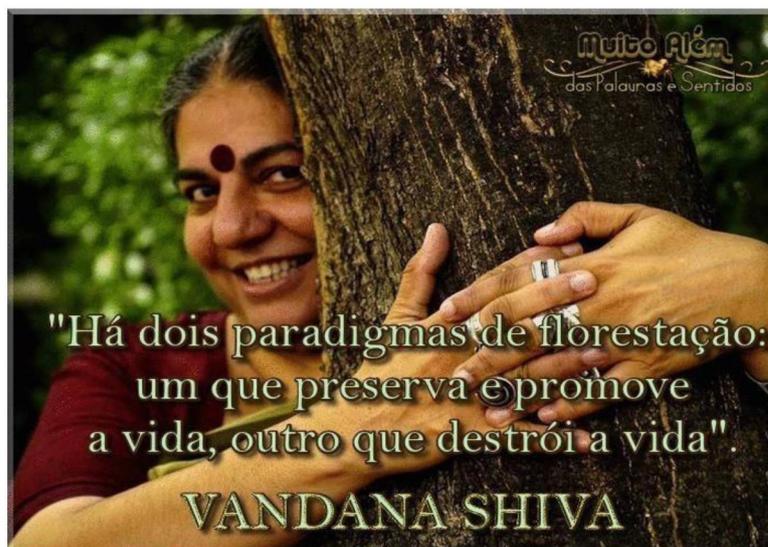


Figura 1. Google imagens 2020.

<https://images.app.goo.gl/MZLcgQiDXB4HZEQt6>

Vandana Shiva (nascida em 5 de novembro de 1952, Dehra Dun, Uttaranchal [atual Uttarakhand], Índia), física indiana e ativista social. Shiva fundou a Fundação de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Política de Recursos Naturais (RFSTN), uma organização dedicada ao desenvolvimento de métodos sustentáveis de agricultura, em 1982.

Shiva, filha de um oficial florestal e agricultor, cresceu em Dehra Dun, perto do sopé do Himalaia. Ela obteve um mestrado em filosofia da ciência pela Universidade Guelph, Ontário, em 1976. A tese “Variáveis Ocultas e Não Localidade na Teoria Quântica” ganhou um doutorado pelo departamento de filosofia da Universidade de Western Ontario em 1978. Shiva desenvolveu um interesse pelo ambientalismo durante uma visita a casa, onde descobriu que uma floresta favorita da infância havia sido limpa e um riacho drenado para que um pomar de maçãs pudesse ser plantado. Após concluir sua graduação, Shiva retornou à Índia, onde trabalhou no Instituto de Ciência da Índia e no Instituto de Gerenciamento da Índia. Em 1982, ela fundou a RFSTN, mais tarde renomeada para Fundação de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Ecologia (RFSTE), no estábulo de sua mãe em Dehra Dun.

Shiva começou a trabalhar em campanhas de base para impedir a extração de madeira e a construção de grandes barragens. Ela talvez fosse mais conhecida, no entanto, como uma crítica da Revolução Verde da Ásia, um esforço internacional iniciado na década de 1960 para aumentar a produção de alimentos em países menos desenvolvidos por meio de estoques de sementes com maior rendimento e aumento do uso de pesticidas e fertilizantes. A Revolução Verde, ela sustentou, levará à poluição, à perda da diversidade de sementes indígenas e do conhecimento agrícola tradicional e à preocupante dependência de agricultores pobres de produtos químicos caros. Em resposta, os cientistas da RFSTE estabeleceram bancos de sementes em toda a Índia para preservar a herança agrícola do país enquanto treinavam agricultores em práticas agrícolas sustentáveis.

Em 1991, Shiva lançou Navdanya, que significa "Nove Sementes" ou "Novo Presente" em hindi. O projeto, parte da RFSTE, se esforçou para combater a crescente tendência à monocultura promovida por grandes corporações. Navdanya formou mais de 40 bancos de sementes na Índia e tentou educar os agricultores sobre os benefícios de conservar suas variedades únicas de sementes. Shiva argumentou que, particularmente em um período de mudanças climáticas, a homogeneização da produção agrícola era perigosa. Diferentemente das linhagens de sementes nativas, desenvolvidas por longos períodos de tempo e, portanto, adaptadas às condições de uma determinada área, as linhagens de sementes promovidas por grandes empresas exigiam a aplicação de grandes quantidades de fertilizantes e pesticidas. Além disso, muitas dessas linhagens de sementes foram geneticamente modificadas e patenteadas, impedindo que os agricultores salvem as sementes de suas colheitas para plantar na temporada seguinte e forçando-os a comprar novas sementes a cada ano. A idéia de Shiva era que uma abordagem descentralizada da agricultura, baseada em uma variedade diversificada de sementes localmente adaptadas, teria mais chances de resistir aos caprichos de uma mudança climática do que um sistema baseado em apenas algumas variedades. Ela antecipou o perigo do Acordo sobre Direitos de Propriedade Intelectual (TRIPS) da Organização Mundial do Comércio (OMC), que permitia o patenteamento de formas de vida e, portanto, possibilitaria às empresas exigir essencialmente que os agricultores continuassem a comprar suas sementes depois variedades locais foram eliminadas. Ela se manifestou contra o acordo nos protestos da OMC em 1999 em Seattle. Shiva lançou Diverse Women for Diversity (Diversas mulheres pela diversidade), uma versão internacional do

Navdanya, no ano anterior. Em 2001, ela abriu a Bija Vidyapeeth, uma escola e fazenda orgânica que oferece cursos de um mês sobre vida e agricultura sustentáveis, perto de Dehra Dun.

Shiva também achava que a riqueza biológica dos países mais pobres era freqüentemente apropriada pelas empresas globais que não buscavam o consentimento de seus anfitriões nem compartilhavam os lucros. Em seu livro de 1997, *Biopiracy: The Plunder of Nature and Knowledge* (Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento), ela acusou que essas práticas fossem equivalentes ao roubo biológico. Shiva expôs suas idéias sobre acordos comerciais corporativos, a diminuição exponencial da diversidade genética das culturas e a lei de patentes em *Stolen Harvest: O seqüestro do suprimento global de alimentos* (1999), *Tomorrow's Biodiversity (A biodiversidade de amanhã)* (2000) e *Patentes: Mitos e Realidade* (2001), respectivamente. *Guerras na Água: Privatização, Poluição e Lucro* (2002) critica as empresas por tentarem privatizar os recursos hídricos. Shiva continuou a articular os problemas causados pela dominação corporativa e a promover o desenvolvimento de soluções realistas nas *Novas Guerras da Globalização: Semente, Água e Formas de Vida* (2005) e *Democracia da Terra: Justiça, Sustentabilidade e Paz* (2005). Shiva também editou *Manifestos sobre o Futuro dos Alimentos e Sementes* (2007).

Em 1993, ela recebeu o prêmio Right Livelihood Award (Prêmio-Direito de Subsistência).

Vandana Shiva é uma mulher que busca em suas pesquisas e reflexões combater influências negativas aos pequenos agricultores. Ela condena o uso dos agrotóxicos, cada vez mais presentes na mesa da população mundial e busca a equidade socioambiental nas relações de gênero. Ao argumentar por exemplo que as mulheres não são reconhecidas muitas vezes em sua plenitude existencial, por sociedades ainda marcadas por um caráter patriarcal e hegemonicamente masculino. Para Silva (2006),

A identidade de gênero e sexual são processos complexos, impostos ora por nossos pais e amigos, e cobrados direta ou indiretamente pela sociedade em que vivemos, conjurando a heterossexualidade como modelo normativo único e constitutivo das subjetividades da maioria dos homens.

Vandana reiteradamente nos instiga a agir socialmente no enfrentamento constante contra empresas e pessoas que usurpam a cultura local e familiar existentes dentro da Índia e outras regiões do mundo, como o Brasil. Em síntese, Vandana Shiva abre um leque argumentativo importante para a cidadania ativa e a democracia quando em suas comunicações discorre sobre o ecofeminismo e empoderamento das mulheres nas lutas pela transformação social e um mundo com maior justiça socioambiental.

4.2 A questão ambiental e sua importante discussão na educação, a partir do viés de Vandana Shiva

A degradação ambiental causada pela sociedade, nunca foi tão questionada. Os recursos naturais estão sendo utilizados, de forma inconsciente, como se não houvesse fim, sem preocupação com o acesso das gerações futuras aos recursos naturais em abundância. Existem, atualmente, movimentos ecológicos que lutam em prol da natureza, erguem a bandeira verde e tentam transformar as questões ambientais em problema exclusivamente técnico. (GONÇALVES, 2008, p. 58).

Cuidar e conservar o meio ambiente é, sem dúvida nenhuma, essencial para manter a vida do planeta e de todos os seres vivos que habitam nele. Quando falamos em meio ambiente, devemos entender que não se trata somente de zelar pelo bioma amazônico, o cerrado, a caatinga ou a mata atlântica. Mas o sentido ético do cuidado e da responsabilidade do todo à nossa volta, à vida em sua infinita evolução e transformação e que está inserida nesse contexto.

Em outras palavras, com os processos econômicos e financeiros da globalização compreendidos “como perversidade” (SANTOS, 2008) e a crescente degradação do meio ambiente em razão de uma visão utilitária e instrumentalizada da natureza, onde a humanidade não se preocupa com o futuro de suas próximas gerações, do meio ambiente natural e cultural em que vive, precisamos atuar de maneira responsável e ativa para a preservação de vida e dos nossos ecossistemas.

Precisamos criar replicadores dessa consciência e um dos lugares onde mais se pode estimular esse conhecimento é no âmbito escolar. É preciso levar em conta o fato de que as equipes pedagógicas e os professores ocupam um lugar social de mediação no processo educacional contemporâneo, o qual visa sob o ponto de vista ético e programático do ambiente democrático e da cidadania ter um potencial de constituição de indivíduos livres e pensantes. Estes agentes podem utilizar suas

habilidades para desenvolver consciência socioambiental nas presentes e futuras gerações, conforme prevê o texto constitucional brasileiro em seu artigo 225: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (Senado Gov., 2020).

Portanto, o campo da educação possui um sentido ético ambiental e de moralidade na qualificação e desenvolvimento de atividades acadêmicas voltadas para o exercício das responsabilidades e cuidados com o meio ambiente nos diversos níveis de escolaridade. Pois para as instituições que trabalham com o conhecimento, é imprescindível que em seu corpo pedagógico e de docentes haja profissionais sensíveis e capazes de analisar em profundidade as problemáticas sob uma perspectiva socioambiental, considerando as dimensões locais e globais (BRASIL, 1996), e propiciar uma práxis educacional inovadora com os bens comuns ambientais em diálogo constante com a história de vida dos estudantes e a comunidade escolar. Para tanto, a educação ambiental apresenta um potencial de inovação nas práticas pedagógicas instauradas e cristalizadas dentro do sistema educacional, sem recair em esquemas morais frágeis, como supostamente aprender “a jogar o lixo em sua destinação correta”. As propostas para a inserção das questões ambientais na educação devem estar pautadas e de acordo com os personagens que fazem parte dela, para que essa construção e metamorfose sejam eficazes e instaurem novas práticas e experiências de cuidado e responsabilidade com o meio ambiente natural e cultural.

A educação é um processo que exige consideração e respeito ao tempo e ao espaço fundantes de relações intersubjetivas intensas entre todos os envolvidos no processo pedagógico. Uma práxis em consonância com uma ética da sensibilidade e da percepção sobre a vida e o mundo, em que as problemáticas socioambientais e as experiências exitosas – mesmo que pequenas – constituem elos fundamentais de uma corrente que alimente a rede de sustentabilidade em nossas sociedades (CARNEIRO; DICKMANN, 2016).

Podemos notar um aumento significativo nos diálogos sobre educação ambiental no âmbito da sociedade desde a década de 1980 e mais ainda nos espaços escolares (ANDRADE, 2017). Isso provavelmente se deve ao fato de que uma perspectiva ontológica holística sobre a realidade e um olhar ambiental que

estabeleça as conexões entre natureza e cultura são cada vez mais presentes em nosso cotidiano. Se por um lado esses debates são bem-vindos, por outro preocupa no sentido de se manter a chama acesa, que o sentido de cuidado e responsabilidade com a manutenção e reprodução de uma vida ecologicamente equilibrada não seja esquecida e perdue com intensidade cada vez maior no tempo.

Por isso a importância da educação ambiental se consolidar com uma disciplina nos currículos escolares, para além de tema transversal que se revela difuso diante de práticas e rotinas educacionais que pouco ou nada dialogam uma perspectiva socioambiental transformadora. A prática deve ser constante, o assunto diariamente discutido e a busca por soluções permanente.

Embora haja ações ao longo das últimas décadas a favor da educação ambiental no ambiente escolar, é indispensável torná-la uma prática mais conhecida da população e fazê-la cada vez mais compreendida. Quando falamos em práticas ambientais, cabe considerar que o exercício da comunicação sobre o meio ambiente deve ocorrer nos diversos espaços pedagógicos e culturais da vida social contemporânea, para além do espaço da sala de aula. Segundo MORAN (2008):

“A dicotomia entre as pessoas e o ambiente físico está profundamente integrada no pensamento e nas religiões ocidentais, uma dicotomia que, até os dias de hoje, influencia nossas escolhas e ações, e que fornece uma concepção que trata o meio ambiente como externo à nossa existência, sujeito ao nosso controle e domínio”.

O ser humano sofre várias influências do meio cultural em que vive, alguns deles das relações sociais e das instituições como a família, a religião, a comunidade onde se vive, entre outros. Essas influências estão diretamente ligadas ao comportamento humano ao longo da vida e, com isso, entendemos que a educação deve ser uma dimensão constante na vida das pessoas, cuja temporalidade somente pode ser plenamente compreendida se observada à longo prazo. Ainda segundo o mesmo autor:

Nem o comportamento nem as exigências da sobrevivência são evidentes para os agentes humanos. Cada agente deve ser socializado como membro de uma cultura e de uma sociedade para entender o que, em sua época e seu espaço, é um comportamento aceitável e qual é o conhecimento acumulado útil que os membros dessa sociedade são capazes de transmitir a cada pessoa. No passado, as cosmologias e mitologias eram bastante utilizadas para corporificar o conhecimento sagrado e profano das pessoas no espaço em que elas viviam. Hoje em dia, aprendemos na escola, em casa e na igreja o que a sociedade espera de nós e que conhecimento devemos buscar para ser membros ativos dessa sociedade. (MORAN, 2008 p. 51).

Conforme já sublinhado anteriormente, uma perspectiva sistêmica e um olhar holístico que reconhecem a importância de todos os elementos que compõem a complexa ecologia da vida, sem menosprezar a percepção das sutilezas que compõem os fenômenos socioambientais contemporâneos, constitui um dos pressupostos epistemológicos da educação ambiental.

A educação ambiental é considerada um processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do meio ambiente e adquirem os conhecimentos, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os tomam aptos a agir individual e coletivamente para resolver problemas ambientais presentes e futuros (Dias, 1992, p. 92).

Vandana Shiva estabelece um diálogo pleno com esta maneira de compreender a educação ambiental. Por exemplo, ao lançar suas reflexões sobre o caráter intrínseco da água na reprodução da vida, ela afirma que:

A dotação de água de um ecossistema particular depende do clima, da fisiografia, da vegetação e da geologia da região. Em cada um desses níveis, os seres humanos do período moderno abusaram da Terra e destruíram sua capacidade de receber, absorver e armazenar água. O desmatamento e a mineração destruíram a capacidade das bacias dos rios em reter água. (SHIVA, 2001)

Na teia do pensamento da autora e seus sentidos para uma educação ambiental, cabe observar que ela aborda em seus estudos a importância da conservação das águas, esta forma de vida que é um dos principais elementos para haja o sopro de vida. Ao eleger esse elemento, vital à reprodução e manutenção da vida, Vandana Shiva tece um olhar no sentido de uma nova eticidade nas relações sociais, partindo da crítica à ausência de limites e regras para um uso justo da água. Segundo ela (SHIVA, 2002), a escassez da água é marcada pela ganância,

historicamente aplicada por tecnologias negligentes que retiram da natureza mais do que ela pode reabastecer.

O ser humano é muitas vezes um indivíduo que utiliza o meio em que vive não para somente viver, mas para tirar proveito para mais do que realmente necessita. Podemos perceber isso quando começamos a sofrer com o declínio das estruturas à nossa volta. As águas, os solos, as florestas, o ar e todos os outros bens comuns ambientais são peças-chave para nossas vidas e subsistência. Porém, nos é concedida através da natureza de forma abundante e, com isso, os indivíduos se aproveitam para utilizar tais recursos como se não houvesse um amanhã, como se essas fontes não fossem esgotar. Atitudes como essas se encaixam em padrões já descritos, ou seja, falta consciência, educação e maturidade de toda uma sociedade para com a natureza e o meio em que ela vive. Existem algumas “receitas” para catástrofes anunciadas, e uma delas podemos encontrar descrita nas palavras de Vandana Shiva (2001):

Os políticos atualmente confirmam que o único caminho para a produção de alimentos, suficientes para a produção à alimentação da crescente população do planeta, é a utilização de mais terras, especialização de variedades de alta produtividade, aplicação de todos os recursos químicos disponíveis e de todo apoio técnico, o que incluía engenharia genética. Estas práticas também são muito lucrativas às empresas em sua maioria, multinacionais, que produzem os fertilizantes, as sementes, os inseticidas e os herbicidas para o agronegócio.

Fatos descritos e agrupados desta forma são para a autora “abomináveis”, pois afetam diretamente a sociobiodiversidade. Quando compreendemos a abundância natural que nos cerca, percebemos quão importante é sua preservação. Os sujeitos históricos têm uma responsabilidade e obrigação moral de contribuir para que essas riquezas sejam manejadas de forma adequada e sustentável. Ao longo dos anos, descobrimos que quanto mais há avanços na engenharia genética e outras ciências, perdas vão ocorrendo e sem possibilidade de reversão para a fauna e a flora.

Por outro lado, podemos perceber notável avanço da agricultura familiar e da agroecologia em muitos lugares, principalmente com as produções agrofloretais, biodinâmicas, orgânicas, entre outras. Para um melhor entendimento a Agroecologia,

É uma ciência que fornece os princípios ecológicos básicos para o estudo e tratamento de ecossistemas tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais, e que sejam culturalmente

sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis, proporcionando assim, um agroecossistema sustentável. A abordagem agroecológica da produção busca desenvolver agroecossistemas com uma dependência mínima de insumos agroquímicos e energéticos externos (http://www.cdrs.sp.gov.br_2020).

A diversidade é característica da natureza e a base da estabilidade ecológica. Ecossistemas diversificados fazem surgir formas de vida e culturas diversificadas (Shiva, 2002, pg.85). Quando nos nutrimos com alimentos saudáveis, livres de pesticidas, herbicidas e outros venenos, podemos notar no dia a dia uma melhora significativa na qualidade de vida. No entanto é triste constatar que nem todos podem ter acesso a esse tipo de alimentação, em que o direito humano a uma alimentação adequada e os princípios de segurança e soberania alimentar constituem objetivos muitas vezes distantes em razão de fatores econômicos, migratórios, condições de renda e trabalho ou mesmo alienação individual da importância vital sobre nossa comida.

Para Vandana Shiva (2001), a conservação da sociobiodiversidade leva a ações sustentáveis e, ao contrário quando essas ações são de destruição da sociobiodiversidade, mais distantes os seres humanos ficam de um meio ambiente ecologicamente equilibrado.

A destruição da biodiversidade também se acelera e se expande. A expansão mundial da agricultura industrializada, através das forças de globalização, incluindo-se a liberação das normas estabelecidas pela OMC (Organização Mundial do Comércio), estão levando a uma rápida erosão da biodiversidade. (SHIVA, 2001, p.92)

Essa erosão da biodiversidade a partir da crítica aos excessos de um sistema econômico de apropriação e acumulação de riquezas a partir da degradação do meio ambiente constitui a base material para a crítica ao sistema econômico centrado em trocas comerciais e financeiras do mundo. Em um plano ontológico, Vandana Shiva propõe uma nova contratualidade nas relações entre as pessoas, coletividades e instituições com ambiente, centrado não uma racionalidade de apropriação dos bens comuns e sim, isto sim, de compartilhamento comum destes bens, em prol de relações com maior equidade e justiça socioambiental.

Tal contratualidade exige um feixe de conhecimentos de diferentes áreas temáticas, com leituras transdisciplinares cujos pontos de intersecção se encontram

em uma ética e uma moralidade ambiental orientadas pela responsabilidade e um sentido de cuidado recíproco e dos bens comuns ambientais. São escalas locais sobretudo, cuja territorialidade pode estar em um constante e profícuo diálogo com as escolas e o ambiente da educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vandana Shiva, nos faz refletir sobre como o Ecofeminismo está presente na vida da sociedade. Ela também expressa como ninguém de uma maneira singular suas aspirações na busca pela preservação e cuidado com a biodiversidade. A reflexão acerca das pesquisas e ações de Shiva nos fazem repensar no valor que estamos atribuindo à mulher e no respeito que temos dispensado com o que a natureza nos dá.

Preservar e cuidar do meio em que vivemos deveria ser uma filosofia de vida para toda a sociedade, no entanto o que percebemos no cotidiano está muito aquém do que é realizado. O ambiente natural e cultural em que toda a população humana vive e compartilha deve ser respeitado e cuidado. No entanto se torna cada vez mais difícil encontrar quem de fato se preocupe com o futuro propriamente dito do "meio ambiente". O que muito se vê são, inúmeras vezes, apenas falsas promessas que na prática inexistem, seja por parte de grandes corporações econômicas, do poder público ou até mesmo no início do processo de formação escolar das pessoas.

Sob o ponto de vista acadêmico a presente proposta de estudo proporcionou a oportunidade de aprofundar os conhecimentos da pesquisadora sobre Vandana Shiva, uma figura de grande relevância atualmente no que tange a luta para com o meio ambiente. Para que este não sofra ainda mais exploração desordenada pelo homem com toda sua ganância.

Tudo isso levando em conta que o entendimento sobre questões socioambientais e suas consequências são temas fundamentais para discussão nos dias de hoje, seja em sala de aula ou em qualquer outro universo escolar. E também levando em consideração a luta das mulheres pela igualdade de gênero e sobretudo a ocupação de espaços significativos nas tomadas de decisões políticas e em prol de

um bem comum para toda a sociedade, e as questões ambientais e de conservação da natureza estão nestas pautas.

PRODUTO DA PESQUISA

Como o Programa de Pós-graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais é um mestrado profissional, os discentes são orientados a criar um material didático possível de ser utilizado por educadores em diferentes áreas da educação. Sendo o produto da pesquisa também um item obrigatório para a obtenção do grau de mestre no referido Programa.

Sendo assim, a autora elaborou um material didático com o título “Vandana Shiva: a natureza pelo olhar da mulher”, o qual traz em suas páginas as principais lutas, convicções e ensinamentos da autora e seus posicionamentos no campo do ecofeminismo, principalmente através da transcrição de trechos de suas falas em palestras e vídeos.

O material é uma importante ferramenta de trabalho que poderá contribuir para estudos e ensinamentos em ambientes escolares, para discussões sobre o ecofeminismo, o agroecológico, a biodiversidade e a indispensável presença da mulher para o equilíbrio de uma sociedade.

O conteúdo sintetizado no produto possibilitará à estudantes e pesquisadores um maior conhecimento sobre Vandana Shiva e suas contribuições na busca por um ecossistema mais saudável e livre de agrotóxicos para todos.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, S. E. **A “globalização” dos feminismos latino-americanos – tendências dos anos 90 e desafios para o novo milênio.** In: Cultura e Políticas nos Movimentos Sociais Latino-Americanos – Novas leituras. Editora UFMG, Belo Horizonte, p. 383 – 426, 2000.

ABASTECIMENTO, Secretaria de Agricultura e **Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável.** <http://www.cdrrs.sp.gov.br/portal/produtos-e-servicos/publicacoes/acervo-tecnico/agroecologia-conceitos>. Acesso em 23 de maio de 2020.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **Preservação e Conservação da Natureza.** <https://www.ecodebate.com.br/2017/12/20/preservacao-e-conservacao-da-natureza-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acessado em 21 maio de 2020.

ANDRADE, M. C.P. **Educação Ambiental na Base Nacional Comum Curricular: retrocessos e contradições e o apagamento do debate socioambiental.** COLEMARX, FE/UFRJ, p.01-13, 2017.

BONZI, R. S. **Meio século de Primavera silenciosa: um livro que mudou o mundo.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 28, p. 207-215, jul./dez. 2013. Editora UFPR.

BRASIL. Lei nº 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm Acessado em 05 jun. 2017.

OTTO, Amanda Oliveira. **A linha do tempo do feminismo no Brasil de 1827 a 2019.** Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/vida-real/a-linha-do-tempo-do-feminismo-no-brasil-de-1827-a-2019/> Acesso em 17 maio 2020.

CARNEIRO, S. **Mulheres em Movimento.** Estudos Avançados 17 (49) 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf> Acesso em: 22 dez 2019.

CARNEIRO, S. M. M. e DICKMANN, I. **Educação Ambiental na Escola a partir de Paulo Freire.** In: HAGEMeyer, Regina Cely C. (Org.), GABARDO, Cleusa Válerio (Org.), SÁ, Ricardo A. (Org.). Diálogos Epistemológicos e Culturais. Curitiba: W&A, 2016.

CARVALHO, I.C.M.; GRUN, M. Hermenêutica e educação ambiental. In: BRASIL. **Encontros e caminhos: formação de educadora(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005, p. 179-185.

CISNE, M. **Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 132, p. 211-230, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.138> Acesso em: 22 dez 2019.

CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

CYFER, I. **Liberalismo e Feminismo: Igualdade de gênero em Carole Pateman e Martha Nussbaum**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 135-146, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/09.pdf> Acesso em 05 jan. 2020.

DIEGUES, A.C.S. Sociobiodiversidade. In: In: BRASIL. **Encontros e caminhos: formação de educadora(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005, p. 303-313

DUARTE, R. C. P. **O ecofeminismo e a luta pela igualdade de gênero: uma análise à luz da teoria bidimensional da justiça**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Direito, 2015.

FLORES, Bárbara Nascimento. TREVISAN, Salvador Dal Pozzo. **Ecofeminismo e comunidade sustentável**. Rev. Estud. Fem. vol.23 no.1 Florianópolis jan./abr. 2015. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104. Acesso em 25 e maio de 2020.

FREITAS, Carlos Machado de. **Problemas ambientais, saúde coletiva e ciências sociais**. Ciênc. saúde coletiva vol.8 no.1 Rio de Janeiro 2003. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000100011. Acesso em 25 de maio de 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (Des) Caminhos do meio Ambiente**. 14 ed. São Paulo. Contexto, 2008.

IMAGENS Google, Vandana Shiva.
Acesso em 23 de maio de 2020.

KOFES, S.; MANICA, D. **Vida & Grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

MÉNDEZ, N. P. **Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo**. Revista Mulher e Trabalho: as mulheres no mundo do trabalho (parte II). v. 5. Fundação de Economia e Estatística,RS, p.51-53, 2005. p. 51.

MENDES, Raiana Siqueira, VAZ, Bruna Josefa de Oliveira, CARVALHO, Amasa Ferreira. **O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher**. Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas - Universidade Federal da Paraíba Nº 03 - Ano 2015 ISSN | 2179-7137 | <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ged/index>. Páginas de 01 a 12. Acessado em 30 de maio de 2020.

MIES, M.; SHIVA, V. **La praxis del ecofeminismo: biotecnología, consumo y reproducción**. Barcelona: Icaria Editorial, s/d.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento - pesquisa qualitativa em saúde**. 4ª edição São Paulo - Rio de Janeiro: HUCITEC - ABRASCO, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo2001.pdf. Acessado em 27 de maio de 2020.

MORAN, E. F. **Nós e a natureza: uma introdução às relações do homem-ambiente**. Tradução de Carlos Szlark. –São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

MURARO, R. M. **A história do masculino e do feminino**. Col. Um Novo Mundo Em Geração. São Paulo:Zit editora, 2007.

MOREIRA, N. R. **O feminismo negro brasileiro: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo**. Dissertação de Mestrado – UNICAMP. Campinas, SP: 2007.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro** 2. ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF, 2000.

MOSCOVICI, S. **Natureza: para pensar a ecologia**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

MOURA, M. L. **Lições de Pedagogia**. São Paulo: PAULISTA, 1925.

PELICIONI, Maria Cecília Focesi. **Educação ambiental, qualidade de vida e sustentabilidade**. <https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v7n2/03.pdf>. Saúde e sociedade 1998. Acesso em 25 de maio de 2020.

PINSKY, J; PINSKY, C.B. (Orgs.) **História da cidadania**. 3.ed.São Paulo: Contexto, 2010.

PINTO, C.R.J. **Feminismo, História e Poder**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v.18, n.36, p.15-23, jun. 2010.

PULEO, A. H. **Filosofia e gênero: da memória do passado ao projeto de futuro**. In: GODINHO, Tatau; SILVEIRA, Maria Lúcia da (orgs.). Políticas públicas e igualdade de gênero. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, p. 13-34, 2004. Disponível em: http://www5.uva.es/catedraestudiosgenero/IMG/pdf/filosofia_e_genero.pdf. Acessado em 12 jan. 2020.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 15.ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SIQUEIRA, Lucineli Pikcius Bezerra de. **Feminismo em rede no século XXI: articulações da marcha mundial das mulheres no Brasil**, 2016. pdf. Acessado em 25 de janeiro de 2020.

SILVA, Sergio Gomes da. **A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 26, n. 1, p. 118-131, mar. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2020.

SHIVA, V. **As mulheres e a construção do novo mundo**. Filme. Fronteiras do pensamento, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XcKx-uE4xrw>. Acesso em: 20 out. 2019

_____. **Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Guerra por água: privatização, poluição e lucro**. Rio de Janeiro: Radical livros, 2002.

_____. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

_____. **O futuro da biodiversidade**. Tradução e resumo: Eli Lino de Jesus-Eng^o Agr.^o, Msc, Phd-Ufpr Litoral, 2001.

SILVA, E. R. **Feminismo radical – Pensamento e movimento**. *Rev. Travessias*. V.2, n.3, Curitiba, 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/issue/view/320/showToc>

SANTOS, E; NÓBREGA, L. **Ensaio sobre o feminismo marxista socialista**. *MNME – Revista de Humanidades*. V. 05. N. 11, jul./set. de 2004. – Semestral. Disponível em: www.cerescaico.ufrn.br/mnme

Senado Federal. Artigo 225. https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_26.06.2019/art_225_.a.sp. Acesso em 23 de maio de 2020.

SILVA, E. L. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. Atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

SOUZA, I. P. **Os sentidos e representações do ecofeminismo na contemporaneidade**. In: VI SEPECH - Seminários de Pesquisa em Ciências Humanas, 2007, Londrina: Editora da UEL, 2007. v. 1. p. 88-88.

SHIVA, Vandana. **Enciclopédia Britânica**.
<https://www.britannica.com/biography/Vandana-Shiva>. Acessado em 22 de maio 2020.

ANEXO 1 – PRODUTO DA PESQUISA



VANDANA SHIVA

**A NATUREZA PELO O OLHAR
DA MULHER**

PRODUTO EDUCACIONAL



PROFCIAMB

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL
PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS



“

O ecofeminismo é
colocar a vida no
centro da
organização
social, política e
econômica.

Vandana Shiva

AUTORES

Ester Dias Bezerra

Eduardo Harder



Este Produto Educacional faz parte da dissertação intitulada: UM OLHAR AO ECOFEMINISMO E , A PARTIR DO PENSAMENTO DE "VANDANA SHIVA", apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Rede para o Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB do polo da Universidade Federal do Paraná, pela discente Ester Dias Bezerra e seu orientador Eduardo Harder, como parte da exigência para obtenção do grau de Mestre em Ensino das Ciências Ambientais.





QUEM É VANDANA SHIVA

Vandana Shiva, uma indiana com muito orgulho e paixão, é um nome da defesa ambiental que se tem falado e comentado bastante nos últimos tempos. Esta ecofeminista concentra suas pesquisas sobre o meio ambiente e a preservação da natureza de maneira abrangente, ela tem manifestado interesse principalmente nas áreas da agricultura, alimentos e produção a partir dos orgânicos.

Esta senhora de sessenta e sete anos, nascida em 5 de novembro de 1952, é uma intelectual respeitada no universo da luta contra o "Agro", o Agronegócio, o Agropecuário, o Agrotóxico, ou seja, tudo aquilo que agride de alguma maneira o meio livre em que buscamos viver, e quem da Terra tira seu sustento. Vandana Shiva é tática em dizer que o Agronegócio prejudica diretamente o pequeno produtor, aquele cujo processo produtivo se concentra em pequenos palmos de terra para sua produção e venda, e que tem como objetivo sua subsistência e de seus familiares.

QUAIS SÃO SUAS LUTAS

Shiva têm contribuído significativamente para o avanço em pesquisas e movimentos chamados "Verdes", essas novas militâncias que se erguem a favor da natureza estão cada vez mais vibrantes e constantes no meio ambiental. A participação de uma figura como a ativista à frente desses trabalhos, gera uma importância significativa para o sucesso de causas como essas.

Atualmente a militante integra a Fundação de Pesquisa para a Ciência, Tecnologia e Ecologia (RFSTE), instituição cuja fundadora é Shiva. Esta organização busca realizar pesquisas que atendam ao público em geral, com o objetivo de focar em demandas ambientais da atualidade. Vandana Shiva têm um papel relevante quando se fala em "biopirataria".

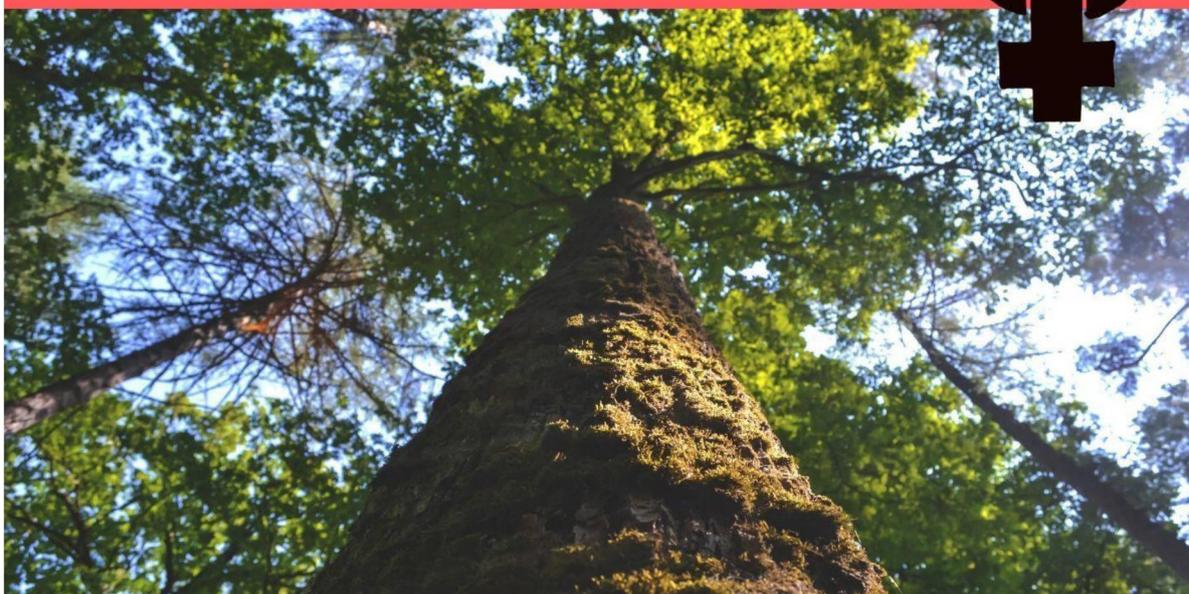
A Biopirataria faz com que a propriedade intelectual seja furtada e/ou afanada. Empresas multimilionárias roubam as patentes das plantas de um determinado lugar, ou região. Isso significa que se um vegetal ou fruto é originário de um país e só nasce lá, e essa erva é utilizada como ingrediente de um remédio, essas organizações se apropriam dessa patente e passam a comercializar em seus países como se fossem deles, trocando em miúdos, isso é o que chamamos de Biopirataria.

Shiva, foi eleita pela revista Times em 2003 como a "heroína ambiental", esse título lhe foi concedido devido às suas contribuições para o reconhecimento da cultura indígena, pela defesa da biodiversidade e pela promoção do aumento da produtividade e rendimentos de agricultores.

Vandana Shiva é uma mulher que concentra suas forças em pesquisas para combater influências opostas ao pequeno agricultor. Ela condena o uso dos agrotóxicos cada vez mais presentes na mesa da população mundial, e busca a igualdade na divisão de gêneros, onde argumenta que a mulher é reconhecida somente como "do lar", ou aquela pessoa que dá vida, cuida da casa e dos afazeres domésticos, como se justificasse que seu trabalho não tem importância. No entanto, as mulheres realizam vários trabalhos ao mesmo tempo, e isso as fez serem especialistas em diversas áreas da vida.

Shiva continua no enfrentamento constante contra empresas e pessoas que usurpam o pouco da cultura local e familiar existentes dentro da Índia e outras regiões do mundo, como o Brasil. Ela também abre um leque importante quando fala em Ecofeminismo e empoderamento da mulher, pois considera este gênero como sendo uma figura de poder no seio familiar.

ECOFEMINISMO E MEIO AMBIENTE



Vandana Shiva diz:

"Para mim, ecofeminismo é, basicamente, primeiro reconhecer que há uma confluência: do poder, da cobiça, do mercado, do capitalismo e da violência. Então, primeiro é reconhecer isso e segundo é reconhecer nosso próprio poder, porque o capitalismo e o patriarcado declararam que as mulheres sejam passivas e que a natureza morra. O ecofeminismo reconhece que a natureza não só está viva, mas também é a base de toda a vida e que somos parte dela. E compreendendo que nós, as mulheres, temos um grande potencial; mas um potencial diferente, não violento, não de dominação e morte, mas sim de cuidar e compartilhar. A criatividade e a compaixão das mulheres é possível em todos os humanos, porque não creio no determinismo genético".

Trecho retirado da entrevista de Vandana Shiva ao Coletivo Huerquen, traduzido por Inês Castilho e publicado pelo Jornal Outras Palavras, 2018. Entrevista completa em: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/vandana-shiva-aposta-no-ecofeminismo/>



MULHERES E NATUREZA = REPRODUÇÃO DA VIDA



"Ao longo do tempo passamos por processos que separam os homens da vida. Por privilégio, interessante, os homens ganharam poder, mas esse poder se deu através da separação.

Separação da natureza, separação deles mesmos, separação da família e da comunidade. Porque as mulheres foram deixadas para cuidar do sustento, da vida, de buscar água, buscar combustível, cozinhar, as mulheres continuaram a se relacionar com a vida. E isso era chamado de trabalho, "as mulheres não trabalham" foi dito. Mas esse era o verdadeiro trabalho de manter, reproduzir a vida. E com a tarefa de realizar essas centenas de trabalho, as mulheres se tornaram experts multifuncionais.

Elas se tornaram experts em água, sementes, comida, solos, dar à luz, bebes, diarreia...As mulheres através da vida, desenvolveram expertise. E por isso que digo: no que se refere à vida as mulheres são experts. Não porque nossos genes e biologia fazem assim. Mas porque nos deixarem para cuidar do sustento da vida nos fez experts de uma ponte para o futuro, onde teremos que voltar à vida, às considerações de como manter a vida neste planeta. Essa sutileza é o que as mulheres foram capazes de nutrir e continuar. E agora é horas de as mulheres redistribuírem isso à sociedade".

Trecho de um vídeo de Vandana Shiva disponível no canal Fronteiras do Pensamento, 2012. Vídeo completo em: <https://www.youtube.com/watch?v=XcKx-uE4xrw>



MULTIPLICAÇÃO E MANUTENÇÃO DA VIDA NAS PALAVRAS DE VANDANA SHIVA

Sementes

"Uma verdadeira semente multiplica, não se extingue. Uma semente lhe dará um milhão. é por isso que temos uma família de lavoura chamada milhete. Isso vem de "milhão".

Boas sementes têm livre polinização. Elas podem ser armazenadas um ano após o outro e sem custo ao fazendeiro.

Mas uma boa semente não é somente uma entrada para o fazendeiro. Uma boa semente é fonte de comida para os polinizadores, para os pássaros, para todas diferentes espécies que precisam das plantas, que também nos alimentam.

Então, quando armazenamos sementes as armazenamos nas mãos da comunidade".

Trecho de um vídeo de Vandana Shiva disponível no canal Fronteiras do Pensamento, 2012. Vídeo completo em: <https://www.youtube.com/channel/UCrg-y5fOcA04REYePWrtigw>



Água

"A água, hoje, está em uma séria crise. Mais de um bilhão de pessoas não possui acesso à água. A crise da água possui muitas raízes. Todas elas, em última análise, relacionadas a um modelo de desenvolvimento que subestimou a água, supondo que ela nunca se esgotaria. Criando formas altamente perdulárias de produzir comida usando dez vezes mais água. De produzir tecidos, intoxicando os rios com tingimentos tóxicos. De produzir papel, matando os peixes com mercúrio. E, enquanto a escassez de água cresce, há quem, no mundo dos negócios, pense "aqui está uma nova forma de lucrar". Eles chamam isso de lucros sustentáveis, que agora, com a escassez da água, modelos vender como mercadoria. Isso é a raiz da privatização da água."

Trecho de um vídeo de Vandana Shiva disponível no canal Fronteiras do Pensamento, 2012. Vídeo completo em: <https://www.youtube.com/watch?v=aTGAvLRx8ZQ>



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste material educativo/informativo apresentamos alguns pensamentos e provocações de Vandana Shiva sobre o papel da mulher na construção de um novo Mundo, pautado no ecofeminismo e, esse como uma corrente filosofia e política de luta à proteção e ao uso sustentável dos recursos naturais, bem como, a soberania dos povos da terra.

Compreender o pensamento de Vandana Shiva é cada vez querer entender mais, é uma leitura leve e pesada ao mesmo tempo, interessante e complexa.

Abaixo algumas sugestões de leitura de livros escritos por Shiva:

